

A alegria colorida de Beatriz Milhazes

A artista plástica carioca Beatriz Milhazes retorna à cidade com uma exposição inédita, *Pinturas Nômades*, na Casa Roberto Marinho. Até o final de março, cobrindo todo o período das férias escolares, o público terá a oportunidade de contemplar a versatilidade da mostra, com curadoria de Lauro Cavalcanti, reunindo uma série de intervenções arquitetônicas, pinturas, gravuras e instalações que atravessam quatro continentes, e marca duas décadas da atuação de Milhazes no diálogo entre arte e arquitetura. (Por Manoela Ferrari – págs. 10 e 11)

Foto: Vicente de Paulo



ACESSE:

www.jornaldeletras.com.br

Editorial

A casa do jornalista Roberto Marinho foi um local de permanente encontro de profissionais da imprensa. Agora, abriga uma histórica exposição da artista Beatriz Milhazes, que é um orgulho das nossas artes plásticas. Ela brilha não só no Rio, mas em todo o nosso país – e isso é motivo de muito orgulho. As suas “Pinturas nômade” merecem ser vistas, com um especial deleite, pois se trata de arte pura, como demonstra a sua belíssima exposição. É com muito prazer que registamos a magnífica exposição, que ilustra este número do JORNAL DE LETRAS.



Na solenidade em São Paulo, foram entregues os prêmios “Guerreiros da Educação”. Na foto, a presidente do CIEE/RJ, Andréia Niskier Ghelman, entrega o prêmio à professora Eunice Prudente, que também é advogada.

Expediente

Diretor responsável: Arnaldo Niskier
Editadora-adjunta: Beth Almeida
Colaboradora: Manoela Ferrari

Secretária executiva: Andréia N. Ghelman

Redação: R. Visconde de Pirajá Nº 142, sala 1206 – Tel.: (21) 2523.2064 – Ipanema – Rio de Janeiro – CEP: 22.410-002 – e-mail: institutoantares.info@gmail.com

Distribuidores: Distribuidora Dirigida - RJ (21) 2232.5048

Correspondentes: António Valdemar (Lisboa).

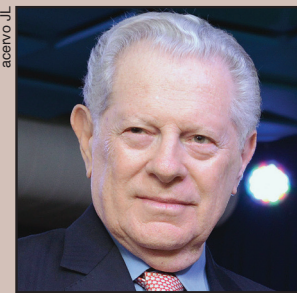
Programação Visual: CLS Programação Visual Ltda.

Fotolitos e impressão: Folha Dirigida – Rua do Riachuelo, Nº 114

Versão digital: www.jornaldeletras.com.br

O JORNAL DE LETRAS É UMA PUBLICAÇÃO MENSAL DO
 INSTITUTO ANTARES DE CULTURA / EDIÇÕES CONSULTOR.

Opinião Arnaldo Niskier



Academia da Latinidade

Corria o ano de 1998. Na presidência da Academia Brasileira de Letras, ocorreu-me convidar um grupo de imortais franceses para uma visita à Casa de Machado de Assis.

Lembro bem que o intermediário dessa visita foi o acadêmico francês Maurice Druon, secretário perpétuo da Academia Francesa, e que é o famoso autor do livro *O Menino do Dedo Verde*, uma obra-prima da literatura universal.

Em noite festiva, a que compareceu o presidente Fernando Henrique Cardoso, o grupo de escritores franceses foi recepcionado no Petit Trianon, que há 100 anos foi doado à Academia Brasileira de Letras (ABL), depois de uma gestão que teve à frente o imortal Afrânio Peixoto. Foi assim imortalizada a ligação entre a França e o Brasil, que sempre tiveram laços culturais próximos. A cessão do terreno, no centro da cidade, aconteceu poucos anos depois, numa decisão que teve a assinatura do presidente Getúlio Vargas, depois eleito para a ABL.

Voltando à noite festiva, lembro bem que, na presença da delegação francesa, sugeri e foi aprovada a criação da Academia de Latinidade. A ideia foi minha. É certo que, depois, o acadêmico Candido Mendes de Almeida, encantado pela iniciativa, promoveu uma série de eventos internacionais pra consolidar a ideia, que já então se tornou uma realidade.

Na comemoração dos primeiros 100 anos de doação do Petit Trianon à ABL, o acadêmico Arno Wehling fez uma bonita exposição sobre o significado da sua existência, e foi muito aplaudido. O seu texto foi lido no momento em que a ABL comemorava a reeleição de Merval Pereira para um novo mandato, com a promessa de grandes realizações, inclusive nas relações França-Brasil. A noite foi enriquecida com dois fatos que merecem destaque: o magnífico show do artista e acadêmico Gilberto Gil e a presença consagrada do ministro Luís Roberto Barroso, presidente do Supremo Tribunal Federal, que se deslocou de Brasília para prestigiar o ato acadêmico.

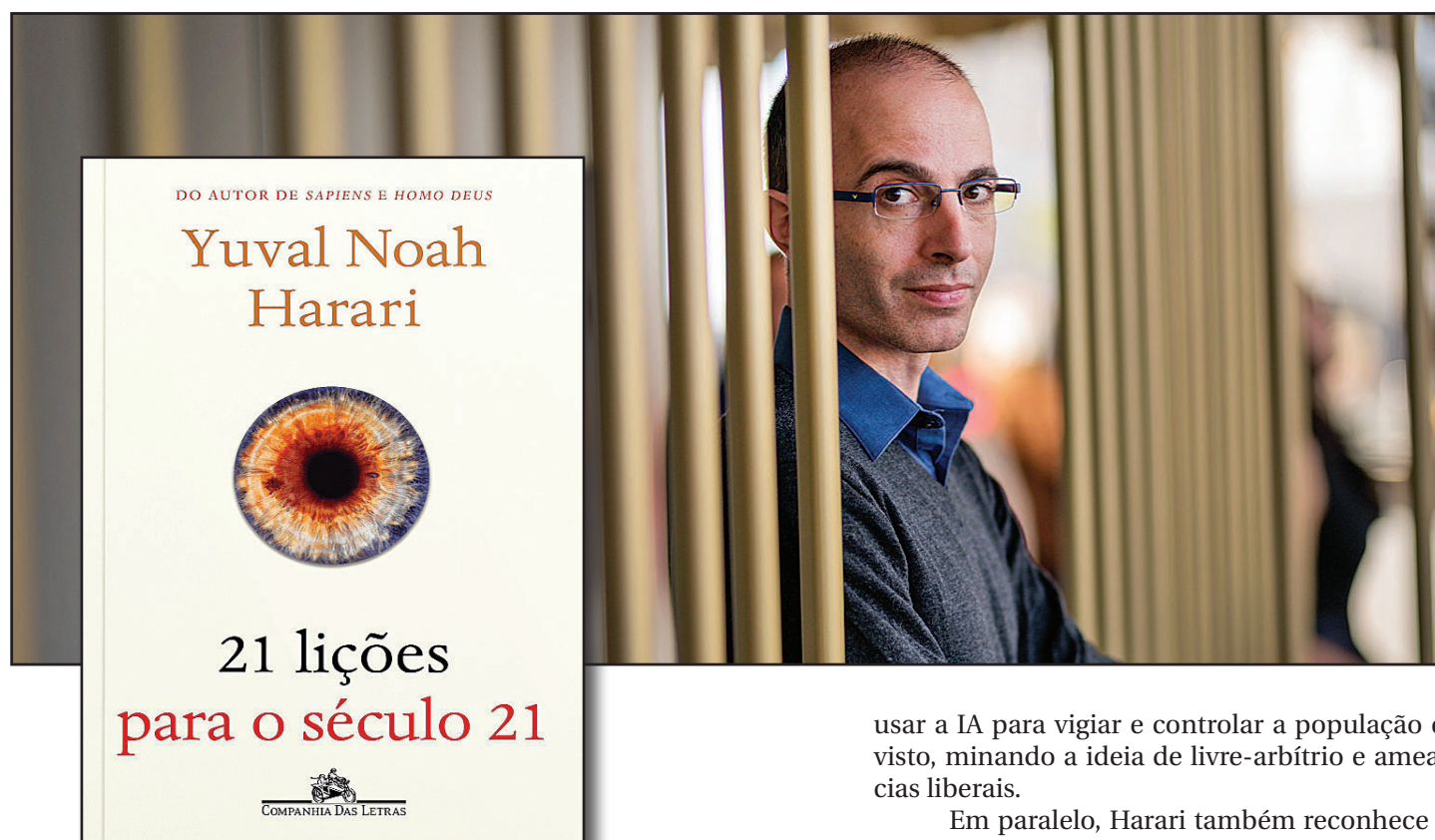
A ABL vive hoje dificuldades financeiras decorrentes da perda de muitos aluguéis no Palácio Austregésilo de Athayde. Mas está em curso um grande esforço de superação disso. Os seus planos de trabalho são na verdade notáveis.

“Para os crentes, Deus está no princípio das coisas. Para os cientistas, no final de toda reflexão.”

Max Planck

Lições para o Século 21

Por Manoela Ferrari



A inteligência artificial (IA) é um dos temas mais discutidos na atualidade e desperta tanto entusiasmo quanto preocupação. O historiador israelense Yuval Noah Harari, autor de obras como *Sapiens*, *Homo Deus* e, mais recentemente, *21 Lições para o Século 21* (Companhia das Letras), é uma das vozes mais influentes nesse debate. Para ele, a IA não é apenas uma ferramenta tecnológica, mas um poder capaz de transformar profundamente a política, a economia, a cultura e até mesmo a maneira como os seres humanos entendem a si próprios. Ao analisar o futuro da humanidade, o pensador alerta para os riscos da concentração de poder, da perda de empregos e do enfraquecimento da democracia diante dessa tecnologia revolucionária.

Revolução

Harari destaca que a IA deve ser vista como a maior revolução da história humana, pois não apenas amplia a força física, como ocorreu com as máquinas na Revolução Industrial, mas invade o campo da própria inteligência, antes considerada exclusiva do ser humano. Essa característica faz da IA um divisor de águas, capaz de gerar avanços extraordinários, mas também de criar desequilíbrios de poder. Para o autor, quem dominar os dados e os algoritmos terá o controle do mundo, o que pode aumentar ainda mais a desigualdade entre países e empresas.

Outro ponto fundamental em sua visão é o impacto da IA sobre o trabalho e a economia. Harari argumenta que não apenas tarefas manuais, mas também funções intelectuais poderão ser substituídas por máquinas mais rápidas e eficientes. Motoristas, advogados, médicos e até professores podem ver suas atividades ameaçadas. Isso gera a possibilidade do surgimento de uma “classe inútil”, formada por pessoas que não conseguirão competir com a tecnologia e que, portanto, ficarão marginalizadas. Além da questão econômica, o autor ressalta a dimensão psicológica desse problema, pois o trabalho dá sentido à vida e, sem ele, milhões de indivíduos podem enfrentar crises de identidade.

Além da economia, o historiador alerta para o risco que a IA representa à liberdade individual e à democracia. Segundo ele, algoritmos são capazes de conhecer desejos e emoções humanas com mais precisão do que nós mesmos. Com base nesses dados, podem influenciar comportamentos, orientar escolhas de consumo e até manipular opiniões políticas. A propaganda do futuro não será feita de forma genérica, mas por mensagens personalizadas, invisíveis e eficazes. Nesse cenário, regimes autoritários podem

usar a IA para vigiar e controlar a população em um nível jamais visto, minando a ideia de livre-arbítrio e ameaçando as democracias liberais.

Em paralelo, Harari também reconhece os benefícios da IA. Entre eles, avanços médicos, maior eficiência na produção de bens e serviços e até soluções para problemas ambientais. Entretanto, e ressalta que tais benefícios só serão alcançados se a tecnologia for regulada de maneira ética e responsável. Para o autor, a questão central não é o que a IA pode fazer, mas sim o que a humanidade escolherá fazer com ela. É preciso definir limites, criar leis e estabelecer valores claros para que a tecnologia seja uma aliada da humanidade, e não uma ameaça.

Entre a esperança e o alerta

Vivemos um século de incertezas e possibilidades. A tecnologia avança a passos largos, trazendo tanto promessas quanto desafios imensos. A política se redefine a cada dia, a educação precisa se reinventar e o conceito de verdade está mais frágil do que nunca. As proposições do livro *21 Lições para o Século 21* não nos oferecem respostas simples, mas perguntas poderosas que nos fazem refletir sobre o que estamos fazendo com o presente e o futuro.

Em síntese, a visão de Yuval Harari sobre a IA é marcada por um equilíbrio entre esperança e alerta. Ele reconhece o potencial dessa tecnologia para melhorar a vida das pessoas, mas enfatiza os riscos da concentração de poder, da exclusão econômica e da manipulação política.

A cada decisão, a cada interação, estamos moldando o amanhã. E, talvez, o maior desafio de todos seja o de manter a nossa humanidade frente às mudanças que nos rodeiam. Precisamos estar atentos, não só ao que acontece ao nosso redor, mas também ao que acontece dentro de nós.

O livro de Harari não é um fim, mas um início de reflexão. Ele nos convida a questionar, a aprender, a adaptar, a evoluir. E acima de tudo, a não perder de vista o que realmente nos faz humanos – nossa capacidade de empatia, de criatividade, de pensar e agir de maneira ética.

A IA não deve ser encarada como algo neutro, mas como um desafio ético e político do nosso tempo. O futuro, portanto, dependerá menos das máquinas em si e mais das escolhas que a humanidade fizer em relação ao seu uso. Cabe a nós decidir se a IA será instrumento de progresso ou de desigualdade. O futuro, portanto, depende de nós.

Breves

Por Manoela Ferrari

manoela.ferrari@gmail.com

● **UM SÉCULO EM CEM CRÔNICAS** (Ed. Biblioteca Azul), organizado por Maria Amélia Mello e Cláudia Mesquita, reúne crônicas de grandes nomes da literatura brasileira que colaboraram com o jornal *O Globo* ao longo do último século.

● **PARA MARCAR OS 80 ANOS DE NASCIMENTO** de Raul Seixas, a *Ubook* transformou duas de suas músicas em livro infantil. *Carimbador Maluco*, organizado por Kika Seixas, ganhou ilustrações de Diego Calvo.

● EM **ESCREVER É HUMANO** (Companhia das Letras), o premiado Sérgio Rodrigues mostra que a Inteligência Artificial é incapaz de fazer boa literatura.

● A **DRAMATURGA E DIRETORA** KAREN ACIOLY dá voz a Afrodite, a deusa grega do amor e do desejo, em *A Vingança e Afrodite* (Ed. Lacre).

● E SE O GOLEIRO DA COPA ESTIVESSE GRÁVIDO? Essa é a pergunta que permeia a publicação *Impedimento*, nova HQ da Bebel Books, com roteiro de Gabi Juns, Jazmin Luzzi e Lucila Sandoval.

● AUTORA BEST-SELLER DO *New York Times*, Dolen Perkins-Valdez estreia no Brasil com um romance histórico inspirado em um caso real. *Me Leve pela Mão* chegou às livrarias pela Ed. José Olympio.

● **PAULINHO NOGUEIRA, SIMPLEMENTE** (Ed. Hedra) é uma homenagem de Marcos Martins e Vitor Nuzzi ao compositor e instrumentista equiparado a Baden Powell, que marcou a MPB pela técnica e como compositor.

● **EU ESCREVE: DILEMAS DA ESCRITA EM SI** (ed. Record), organizado por Natalia Timerman e Gabriela Aguerre, reúne textos de 23 autores contemporâneos sobre as narrativas em primeira pessoa.

● **DESTERRÓS** (Ed. Todavia), da psiquiatra Natalia Timerman, com texto baseado na experiência da autora na penitenciária de

São Paulo, confronta a crença ingênua de que o sofrimento educa.

● O **PREMIADO ROMANCE DE ESTREIA** de Tatiana Salem Levy – *A Chave de Casa* – ganhou nova edição revista pela autora, com orelha inédita de Diana Klinger e posfácio também inédito de Natalia Timerman.

● **PARTIDA AO CAIS** (Ed. Urutau), de Carla Mühlhaus, ambientada em Veneza, mistura fantasia com personagens inspiradas em mulheres reais.

● **CADA UM NA SUA** (Ed. Escrita Fina), de Anna Claudia Ramos e Layla Ramos Campello, homenageia a infância e a singularidade das pessoas.

● **PRIMEIRO ROMANCE DO AUTOR JAPONÊS** Kiyoshi Shigematsu publicado no Brasil, *Você Precisa de um Gato* chega às livrarias pela editora Bertrand Brasil.

● **O LUGAR SEM LIMITES** (Ed. Mundaréu), do cultuado romancista chileno José Donoso, revela o dom de retratar emoções retorcidas que camuflam atributos reais da vida.

● **MAIS DOIS LIVROS DE CARLOS DRUMMOND DE ANDRADE** chegam às livrarias, dentro do novo projeto gráfico que marcou o retorno da obra do poeta à Editora Record, com fixação de texto por Edmilson Caminha: *A Paixão Medida e Contos Plausíveis*.

● **O ENIGMA DE AKAKOR** (Ed. Faria e Silva), do documentarista Rapha Erichsen, desvenda os segredos por trás de uma fábula amazônica.

● **A PARTIR DE UMA HISTÓRIA** de amor homoafetiva, Daniel Hausen Mizoguchi lança um olhar afiado sobre o Brasil contemporâneo no recém-lançado *Eterna Fantasia* (Ed. Dublinense).

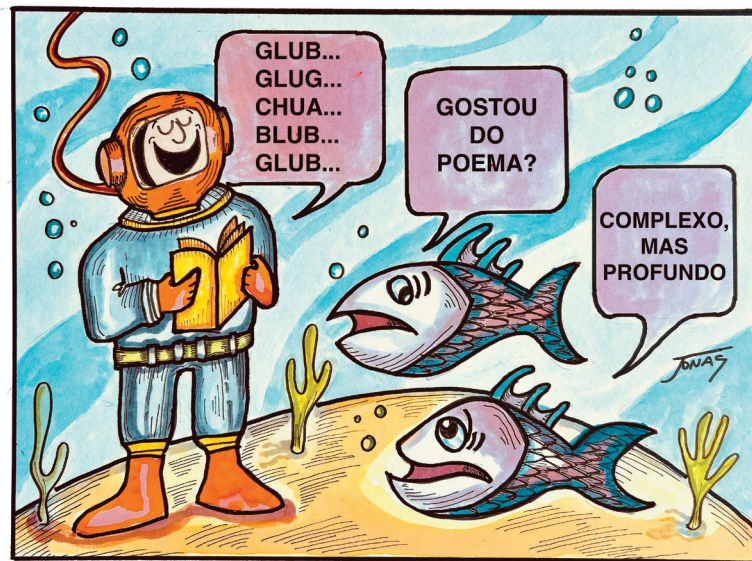
● **OS ANOS DE VIDRO** (Ed. Nós), segundo livro de Mateus Baldi, propõe uma investigação de gênero em 11 histórias que reúnem

Humor

Por Jonas Rabinovitch

jonasrabinovitch@gmail.com

SARAU ABISSAL



personagens inquietos.

● **A SENHORITA DE SCUDERI**, de E. T. A. Hoffmann, considerada a primeira história policial da literatura alemã, foi lançada no Brasil pela HarperCollins, com posfácio da escritora Luisa Geisler.

● COM 11 AUTORES, **1964 – O que ainda nos resta dizer?** (Ed. Estudos Americanos) propõe uma análise abrangente sobre o legado do golpe de 1964. A obra foi organizada por Luciene Carris.

● OS **HISTORIADORES** ANGELO FARIA DE ASSIS e Ronaldo Vainfas retratam com detalhes uma das incursões da Inquisição a Salvador na obra *Segunda Visitação da Inquisição à Bahia (168-1620)*, lançado pela Editora Cosac.

● **REUNINDO HABILIDADE E AMOR** na mesma medida, Livia Garcia-Roza (viúva do renomado Luiz Alfredo Garcia-Roza) lançou *Espinosa* (Ed. Faria e Silva).

● **VIGÉSIMO TERCEIRO LIVRO** DE Cidinha da Silva, *Só Bato em Cachorro Grande, do meu Tamanho ou Maior – 81 lições do método Sueli Carneiro* (Ed. Rosa dos Tempos) fazem parte das comemorações dos 75 anos de nascimento de Sueli, uma das maiores pensadoras negra brasileira viva.

● **QUASE DUAS DÉCADAS DEPOIS** do lançamento, *O Fotógrafo*,

de Cristovão Tezza, vencedor dos prêmios Jabuti, Bravo! e da Academia Brasileira de Letras, ganhou nova edição da editora Record, com um posfácio inédito do autor.

● **BASEADO EM HITS REAIS** (Máquina de Livros), de Bráulio Lorentz, reúne histórias de sucessos contadas por artistas esquecidos.

● **DICIONÁRIO DOS DIREITOS HUMANOS E AFINS** (Editora Civilização Brasileira), de Nei Lopes, “traduz” quase 500 verbetes para a fala popular, esclarecendo conceitos e práticas ligadas aos direitos humanos.

● **UMA DAS MAIORES CARTUNISTAS** e quadrinistas da atualidade, Fabiane Langone lançou a coletânea *Viver Dói* (Bebel Books), reunindo mais de 300 tirinhas da sua produção diária na *Folha de S. Paulo*.

● **AUTOR DO BEST-SELLER** *A Inconveniente Loja de Conveniência*, Kim Ho-Yeon está de volta com *Meu Dom Quixote Coreano*, pela editora Bertrand Brasil.

● COM **TRAÇOS AUTOBIOGRÁFICOS**, *Filha*, de Manoela Sawitzki, converte experiências traumáticas da autora em gênero narrativo.

● **OS AQUÁTICOS** (Tordesilhas), da cineasta camaronesa Osvalde Lewat, revela os jogos de poder na sociedade africana contemporânea.

Na ponta da Língua

Por Arnaldo Niskier – Ilustrações de Zé Roberto

Câmera ou câmara?

“Ulisses comprou uma câmara fotográfica, mas esqueceu de carregar o aparelho e não conseguiu tirar foto alguma.”

Câmara fotográfica? Sim, está correto. Veja: Aparelhos fotográficos ou de filmagem é “**câmera**”, enquanto “**câmara**” é mais usado para espaços, como o parlamento (Câmara dos Deputados) ou compartimentos (câmara fria, câmara de gás). No entanto, ambas podem ser usadas para se referir ao aparelho, sendo “**câmara**” a forma original e “**câmera**” uma variante influenciada pelo inglês. Ambas as formas são reconhecidas pelo Vocabulário Ortográfico da Língua Portuguesa.



Atenção na via

“Segundo a polícia, ele tentava atravessar havia quando foi atingido pelo carro.”

Coitado!

Veja: ambas formas possuem o mesmo som, mas grafias diferentes, aí está o erro.

Havia – pretérito perfeito do indicativo do verbo **haver**. Eu **havia**/ tu **havia**/ ele **havia**/ nós **havíamos**/ vós **havíeis**/ eles **havam**.

A via – *Caminho* – (terrestre, aéreo, marítimo ou fluvial) que liga duas localidades: **vias** transitáveis;

Meio de transporte – chegou por **via** aérea;

Figurativo – Meio de que se vale alguém para alcançar um fim: a **via** da persuasão;

Cada uma das cópias igualmente válidas de um documento – a primeira **via** de um contrato;

Anatomia – Canal do organismo: **vias** urinárias;

Preposição – Pelo caminho de: vai a Londres **via** Paris;

Vias de fato, a – “Segundo a polícia, ele tentava atravessar **a via** quando foi atingido pelo carro.”

Sem cor

“Helô comprou três saias violetas.”

Aposto como era de outra cor! As cores que têm nome de **objetos**

(laranja, gelo, limão, vinho, violeta, rosa) não vão para o plural, uma vez que são **substantivos adjetivados**, ou seja, derivam de palavras originalmente substantivas, que podem funcionar como **adjetivos** se estiverem qualificando outro substantivo, ficando sempre **invariáveis**.

Frase correta: “Helô comprou três saias **violeta**.”

Gato preto

“Jussara tem medo dos gatos pretos, diz que eles dão asar.”

Gato voa? Da forma como ela redigiu, é a impressão que se tem.

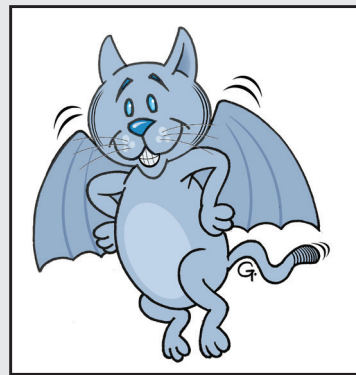
Veja:

Azar e asar são palavras **parônimas**, ou seja, vocábulos que apresentam semelhança de grafia e pronúncia, mas que diferem no sentido.

Azar – má sorte, casualidade, desgraça

Asar – guarnecer ou dispor de asas

Frase correta: “Jusarra tem medo dos gatos pretos, diz que eles dão **azar**.”



Corrida maluca

“Os pilotos vão se colocarem no grid, para a relargada.”

Essa corrida não vai acabar bem!

A concordância verbal: o sujeito (os pilotos) pede o verbo no singular (colocar).

Frase correta: “Os pilotos vão se **colocar** no grid, para a relargada.”

Aquém de X além de

Yara quer comprar um móvel, mas não sabe bem como avaliar o bem:

“O valor da cama estava aquém de seu preço, mas Yara pagou mesmo assim.”

Veja: **aquém de** = abaixo de, inferior. “O valor da cama estava além de seu preço, mas Yara pagou mesmo assim.”

Veja: **além de** = acima de, superior.

Esperamos que a próxima compra da Yara seja bem equilibrada.

Quis ou quiz?

“Lucas quis comprar o presente da irmã numa loja de rua.”

A conjugação correta do verbo **querer** é com **s**. Muitos escrevem com **z** por comparação com outros verbos, como **fazer** (eu **fiz**) ou **dizer** (ele **diz**). Ex.: “Lucas **fez** (passado) um presente para a irmã.”

Fique atento: nas conjugações do verbo **querer** não existe **z**, há o som, mas não há a consoante.

Frase correta: “Lucas **quis** comprar o presente da prima numa loja de rua.”

A sexualidade de Fernando Pessoa revelada (além das cartas a Ophélia Queiroz)?

Por Jonas Rabinovitch

Hoje acordei com um dos poemas mais misteriosos e pouco conhecidos de Fernando Pessoa (como se eu conhecesse todos).

Não: não digas nada!
Supor o que dirá
A tua boca velada
É ouvi-lo já.

É ouvi-lo melhor
Do que o dirias.
O que és não vem à flor
Das frases e dos dias.
És melhor do que tu.
Não digas nada; sê!
Graça do corpo nu
Que invisível se vê.

No Brasil esse poema é conhecido por causa da música dos Secos e Molhados cantada docemente por Ney Matogrosso.

O verso: “O que és não vem à flor das frases e dos dias” é um primor poético de síntese existencial. Afinal, uma pessoa é sempre mais do que ela diz e do que ela faz a cada dia. Um Pessoa também.

Até acho que, de modo bem discreto, Pessoa revelou alguma preferência sexual por rapazes ao dizer “ouvi-lo” e não “ouvi-la”. Além disso, o verso “Graça do corpo nu que invisível se vê” parece sugerir uma atração platônica por algum corpo que seria inatingível para Pessoa na Lisboa conservadora da década de 1930.

Não que isso seja o aspecto mais importante de sua obra, apesar de revelar parte de suas frustrações e inspirações.

Mistérios da vida e da poesia...

Achiamé¹, o historiador poeta

Por Ester Abreu Vieira de Oliveira

A rica produção do escritor Fernando Achiamé versa sobre a poesia e aborda estudos históricos sobre o Brasil e o Espírito Santo, contudo objetivamos apresentar algumas informações, sobre o seu fazer poético, retiradas de sua obra: *Livro Novíssimo*, em que pode ser observados poemas de formas métricas diferentes transitando para uma simples conversa entre um eu e um tu imaginário nas exposições de temas sentimentais, ou, ainda, quando o eu se mostra socialmente engajado socialmente ou saudosista, mostrando-se pleno de reflexões próprias de um historiador-poeta, que não perde o ritmo próprio do poema, durante seus questionamentos.

Nessa obra, segundo uma nota do autor, os poemas foram criados a partir de 1990 até a publicação e distribuídos nas quatro partes do livro: Escala 1; 1, Fogo Amigo, Trilha Sonora e Livro Novíssimo.

Neles mostra-se Achiamé, nas variações métricas: haikai, sonetos, e temas, um poeta engajado socialmente, ciente da dificuldade de ser um poeta, um fazedor de poemas, e ironiza: “Escrever poemas é bom/ mas não deve ser um vício. / Vício, apenas o de viver// Fazer poemas é um ato solitário/que envolve muita gente; / Os vivos & os que em nós vivem/ Conhecidos & estranhos/ Gregos & troianos/ // Se os poemas são passageiros, / no máximo trocadores/ como os poemas podem ser motoristas/ correrem sem limites?/ // poetas sustentam-se somente de seus versos” [...] (*Fazer Poemas*, p. 193).

O historiador-poeta reflete sobre a bomba que provocou a tragédia de 11 de setembro de 2001 no World Trade Center (*De Repente no World Trade Center*, 2011, p. 24-27): “Qual foi a primeira bomba a explodir?/ E a última a detonar no mundo, qual será?” e o poeta questiona: “Parado pergunto é fácil fazer poesia/ sobre o horror-previsível-depois-de-criado? / como saber?/ poesia e tragédia se parecem/ O seu mistério sai do nada.”

Também o poeta relembra sua casa: “A casa era na rua Alexandre Calmon/ em frente ao mercadinho da cidade. / No quintal dos fundos ficava a garagem da Viação Águia Branca/com estoque de diesel e de lubrificantes”(p. 133). Íntimo e saudosista, ele nos repassa uma época em que vivia em Colatina e que a locomotiva, “não é um trem qualquer, / viaja perto do rio Doce e em alguns pontos o corta”, e rememora a conversa com “um senhor baixinho e gordo”, p. 132 (*Tempo de Trem com Música*, 2011, p. 103-134).

O trem ainda passa em Colatina e de trem pode-se ir a outros lugares, mas o tempo é outro, o retorno não é o mesmo, por isso lamenta o poeta: “meu Deus! Não entro nesse trem sem soluçar por dentro. / Lastimo infância passada, a Certeza no futuro deploro” (p. 103).

A infância do poeta brota a partir da viagem de trem para Vitória. Quando o tempo inexorável destrói todo onírico “Aos cinco

anos me mudaram pra Vitória. / O que de mim ficou na latitude de 19° 32' 22" S/ longitude de 40° 37' 50" O, altitude de 38m/ E distante do mar 98km em linha reta?/ O que de mim aí muito ficou?” (p. 104).

O poeta brinca com as palavras e situações e se coloca em jogo, diante de um telefone público: “Orelhão – na calçada vazia telefone toca pra ninguém. / passo ao largo mas alguém insiste. / Olho de viés para a solidão da chamada. / Se atendê-la, serei quem?” (p. 19) e o historiador em *Visitas ao Éden* (p. 31-41) lembra um fato histórico ocorrido no século 19, de uma visita de Dom José Caetano da Silva Coutinho no ES, e de suas impressões deixadas num relatório: “Vê mulatinhas, doutrina meninos, presenteia

menina. / Com pobres conversa, lista nomes, anota línguas” [...] “De tudo dá conta no seu caderno secreto” (p. 32).

Mas, entre tantas temáticas apresentadas não deixou o poeta de cantar o amor. Em *O INESPERADO* (p. 96): “Amor é o inesperado, mas vale programação/Vale o sonho, o inatingível, vale o que for...”,

Em três quartetos, *Na Terceira Vez* (p. 97), Achiamé lamenta, com sobressalto, a durabilidade do desejo: “- A duração do desejo é a mesma da vida!”. No soneto “Entre Nós Dois...” (p. 99), dedicado a Marta, mostra o poder do amor sobre obstáculos: “Entre nós dois há um abismo/ Que nosso amor salte e preenche”. Mas o capixaba canta a capital do Estado em Trópico de Vitória (p. 64-67): “[...] Se a ilha fica à mercê de aragens, de rochas e marés, / Bem se retempera em ares inconstantes, / Bem se harmoniza em pedras desiguais, / Bem se afina em mares mudáveis, / Pois no Trópico de Vitória, o velho Sol/ Com tais sopros, águas e morros/ Faz-se, Anti-Fausto, sempre novo.”

Assim, no fecundo desejo de Achiamé recriar, vamos observar que ele utiliza variados ritmos, plenos de linguagem poética, centrada em um lugar social e espacial, joga todo o seu conhecimento histórico numa linguagem poeticamente viva, recorda pessoas e situações, fazendo de seus sonhos e tendências mais secretas reconstruções de cidades e lugares esquecidos.

O papa Francisco considerou que os poetas são os que vêm e sonham, e são os sonhos de Fernando Achiamé que se registram em seus poemas e ler, ou melhor, recitar, palavra mais apropriada para poemas de Achiamé, é despertar fatos adormecidos, revisitar lugares que podem ser encontrados em fotos bem antigas, é avivar a nostalgia de uma vida de costumes modificados, numa fluida linguagem poética plena de ritmo, é reconhecer que a relação entre o poeta e seu povo é orgânica e espontânea e, por fim, é certificar-se de que o poeta intrínseco, Fernando Achiamé, citando Paz (p. 50), “opera de baixo para cima: da linguagem de sua comunidade para a do poeta”.

1. Fernando Antônio de Mores Achiamé, professor, escritor, historiador, pertence à Academia Espírito-santense de Letras (AEL), Cadeira 17, Patrono José de Mello Carvalho Moniz Freire, 3º ocupante. *Livro Novíssimo*, Vitória: Flor & Cultura, 2011, 228p.

*Ester Abreu Vieira de Oliveira é Profa. Emérita da Ufes, atual presidente da AEL, poeta, tradutora, ensaísta, autora de livro infantil, de contos, de memória e membro de instituições culturais, estaduais e internacionais.



Fernando Achiamé

Livros e Autores

Por Manoela Ferrari

manoela.ferrari@gmail.com



VÉSPERAS

Os contos de *Vésperas* (ed. Record), de Adriana Lunardi, narram os últimos momentos de vida de nove autoras: Virginia Woolf, Dorothy Parker, Ana Cristina César, Colette, Clarice Lispector, Katherine Mansfield, Sylvia Plath, Zelda Fitzgerald e Júlia da Costa. Com base em dados biográficos, Lunardi cria uma obra de ficção que homenageia a obra e a vida de escritoras, propondo uma visão íntima de suas angústias, memórias e reflexões sobre o fazer literário e a finitude. A partir de pontos de vista inusitados, as histórias conseguem mapear a complexidade da existência dessas autoras, tanto por serem mulheres quanto

por se tornarem personalidades públicas. Por meio de uma escrita poética e sensível, a narrativa aborda com sobriedade os temas da morte, solidão e doença. Ao ficcionalizar os momentos finais na perspectiva das próprias autoras, de quem convivia com elas ou de quem as admirava, o livro cria um retrato enriquecedor de figuras fundamentais para a nossa formação literária. Adriana Lunardi é autora de *Corpo Estranho* (2006), *A Vendedora de Fósforos* (2011) e *Contos Céticos* (2024). Recebeu os prêmios Açorianos, Biblioteca Nacional para Obras em Andamento, Fumproarte e Icatu de Artes. É coautora do seriado de TV *Ilha de Ferro* (Globo, 2019).

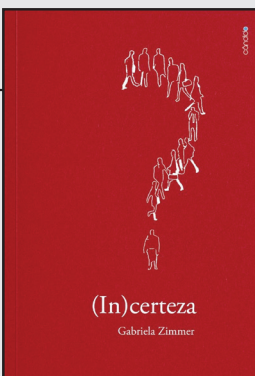
VOCÊS DA IMPRENSA

Vocês da Imprensa (Máquina de Livros), do jornalista João Paulo Saconi, trata da violência contra a imprensa e os impactos que isso causa à liberdade de expressão. A partir de um episódio no início da carreira, em que sofreu os efeitos da hostilidade, Saconi se debruçou sobre esse problema coletivo. A obra não se limita a estatísticas. O principal componente da narrativa é humano, com histórias de jornalistas que morreram ou foram agredidos. O autor ouviu profissionais bem-sucedidos que, por precaução, deixaram de circular nas ruas ou cogitaram se mudar para o exterior com medo do que poderia acontecer com eles. Saconi destaca episódios emblemáticos que envolveram Vera Magalhães, Patrícia Campos Mello, Luiz Fara Monteiro, Renato Alves, Raquel Landim e Natuza Nery. Ele narra também a história de Santiago Andrade, cinegrafista da Band morto em 2013, após as Jornadas de Junho. O livro foi batizado com uma expressão frequentemente usada por fontes, entrevistados e o próprio público para se referir a jornalistas, como se fossem uma parcela à parte do Brasil. Jornalista e pesquisador, João Paulo Saconi tem 29 anos. Desde 2018, trabalha no jornal *O Globo*, cobrindo política nacional, economia e cultura. Atualmente, faz parte da coluna Lauro Jardim.



(In) CERTEZA

(In) certeza (Ed. Cântido), segundo livro da poeta carioca Gabriela Zimmer, convida o leitor a pensar sobre as múltiplas faces da dúvida. A obra é dividida em cinco blocos temáticos. O título com “certeza” entre parênteses reflete “como a incerteza é tão incerta, que ela mesma não sabe se está certa ou não”, explica Zimmer. Entre imagens de “retalhos e tecidos de cores diferentes” costurados em um “cobertor” poético, os versos transitam da infância ao exílio voluntário na Europa, sempre guiados por ritmo e musicalidade. O processo criativo, segundo a escritora, foge aos roteiros fixos: “São meus poemas que escolhem quando e onde serão escritos, e não o contrário.” Essa espontaneidade se estende à concepção gráfica, que conta com ilustrações de Maria Eduarda Thomé “dialogando com os poemas em muitas camadas”. Uma das vozes mais originais da nova geração, a carioca Gabriela Zimmer estuda Ciência da Comunicação em Amsterdã, Holanda. Sua primeira coletânea poética, *Para Nunca se Sentir Só*, publicada em 2020, percorre o tema da solidão – suas origens, presenças e diferentes corpos. Autora do conto “A Cronista”, premiado no Concurso de Literatura Juvenil Ferreira de Castro (2020, Portugal), Gabriela também foi reconhecida com o Scheffel-Preis da Sociedade Literária de Karlsruhe, na Alemanha (2022).



URSA MAIOR

Ursa Maior (Scoretecci Editora, 2025), da escritora e imortal da Academia Sul-

Mato-Grossense de Letras Raquel Naveira, evoca a figura da mulher selvagem, conectada à floresta, à Terra e ao cosmos. Através de uma escrita lírica e subjetiva, a autora conduz uma travessia simbólica rumo à reconexão com o sagrado feminino e com a ancestralidade. A unidade temática da narrativa entrelaça forma e conteúdo, com escolhas estilísticas firmes e conscientes, fruto de uma consistência literária robusta da acadêmica. A obra conduz os leitores por uma travessia simbólica, ancorada na figura arquetípica da urso – símbolo de instinto, coragem e proteção. Inspirando-se também na constelação Ursa Maior, Raquel entrelaça imagens do universo cósmico com reflexões íntimas sobre a jornada feminina, a ancestralidade e a resistência. No prefácio, o pesquisador e crítico literário baiano Krishnamurti Gões dos Anjos demonstra o caráter filosófico do texto: “Naveira, dentre outras coisas, busca um alento, um sopro de vida em meio à barbárie e violência dos atos humanos.” Nascida em Campo Grande, em 23 de setembro de 1957, Raquel Naveira é formada em Direito e em Letras pela Universidade Católica Dom Bosco (UCDB/MS); doutora em Língua e Literatura Francesas pela Universidade de Nancy, França; mestre em Comunicação e Letras pela Universidade Presbiteriana Mackenzie/SP.



DO ANTIGO REGIME AO CONSTITUCIONALISMO

Do Antigo Regime ao Constitucionalismo – A Casa da Suplicação do Brasil, 1808-1829/1830 (Ed. Processo, 2024), do acadêmico Arno Wheling, traça um panorama robusto sobre o processo estrutural da justiça e do direito no Brasil. Dividida em três partes, com 20 capítulos ao todo, a obra trabalha algumas hipóteses. Em primeiro lugar, considerou-se a possibilidade de analisar a Casa da Suplicação, órgão estatal, como parte de um conjunto jurisdicional (o dos juízes de fora, ouvidores de comarcas e Tribunais da Relação), por sua vez dentro de um conjunto maior, o Estado ou o Governo que regia metrópole e domínios. Evitou-se falar em sistema e subsistema para que não se presuma uma estrutura plenamente racional e burocrática, de sentido weberiano. Filho de um imigrante alemão e de uma catarinense, o professor, acadêmico, advogado e historiador brasileiro Arno Wheling nasceu no Rio de Janeiro, em 1947. Graduiu-se em História pela Faculdade Nacional de Filosofia da Universidade do Brasil e em Direito pela Universidade Santa Úrsula, tendo doutorado em História e Livre Docência em História Ibérica, ambos pela Universidade de São Paulo (USP), e pós-doutorado pela Universidade do Porto. Autor de vários livros, é membro, entre outras instituições, da ABL e do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro.



VERDADE INVENTADA

A união do teatro com estudos da neurociência, sob o olhar atento de uma pesquisadora do comportamento humano que tem a cena como ofício resultou na instigante e sensível obra *Verdade Inventada – Teatro, corpo e neurociência na construção das emoções* (Ed. Vestígio, 2025), de Larissa Bracher. A autora transforma o palco em uma metáfora de autoconhecimento, onde seríamos todos atores em constante ensaio. Segundo o texto, com técnica, atenção e presença podemos reinventar o modo de nos expressarmos e nos relacionarmos com o outro e com o mundo. Mais do que um livro sobre emoções, *Verdade Inventada* é um convite à transformação pessoal, para quem deseja experimentar as emoções como ato criativo e não como sentença biológica. Atriz, preparadora de elenco, diretora e pioneira na coordenação de intimidade no Brasil, Larissa Bracher reúne décadas de experiência em palcos, sets de filmagem e bastidores na investigação das interseções entre corpo, cena e cérebro. É certificada pela *Intimacy Professionals Association* (IPA), vinculada ao *Screen Actors Guild-American Federation of Television and Radio Artists* (SAG-AFTRA). Unindo teatro, estudos de neurociência e práticas somáticas, Larissa propõe uma reflexão em que o corpo se torna laboratório, a emoção um treino e a identidade, uma obra em processo.



Realismo fantástico, história e imaginação na obra de Adelpho Poli Monjardim

Por Francisco Aurelio Ribeiro (AEL-IHGES)



Adelpho Poli Monjardim

Adelpho Poli Monjardim (1903-2003) é um caso *sui generis* na literatura brasileira produzida no Espírito Santo, pois transitava entre a literatura *tout court* e a documental de uma maneira pacífica, sendo reconhecido por seus pares tanto pela qualidade de suas obras produzidas pela imaginação quanto por aquelas geradas por pesquisas históricas, como as biografias de figuras ilustres como Caxias, Tamandaré, Santos Dumont, Bolívar e San Martin ou sobre os conhecimentos acumulados sobre o Espírito Santo e Vitória, seu berço natal.

Romancista, jornalista, político, servidor público, político, historiador, geógrafo e esportista, na juventude, era figura conceituada na sociedade vitorense, membro atuante do IHGES e da AEL, em que ingressou em 1973. Empresário malsucedido, administrador eficiente na Prefeitura de Vitória, Adelpho Monjardim vinha da família mais aristocrata de Vitória, os Monjardim, era filho do Barão de Monjardim, uma família que se destacou na política e nas armas. Adelpho, no entanto, foi uma exceção, pois se destacou nas letras. É o que afirma, em seu depoimento de 1986: “Nasci para as letras, vocação demonstrada desde a infância. No Ginásio Espírito-santense, o professor de Português, Dr. Jonas Meira Bezerra Montenegro, renomado literato e um dos Patronos da Academia Espírito-santense de Letras costumava passar descrições, que feitas em casa, seriam lidas em classe. Tomei muitos zeros, porque o professor julgava não serem feitas por mim, o que não deixava de ser um elogio. Até o momento em que deponho, 21 de abril de 1986, tenho dezesseis livros publicados e sete Prêmios Literários, sendo o quarto de âmbito nacional. Entretanto, fui muito boicotado. As minhas atividades literárias causavam perda a determinados escribas que postulavam o domínio das nossas letras. Para mim tanto fazia ser o primeiro ou o último no rank. Escrever era o meu hobby. A modéstia, a minha companheira de sempre. A vaidade é negação da inteligência, isola os indivíduos.”

Talvez por sua origem aristocrática ou, ainda, por sua pouca escolarização, visto que só tinha a educação primária, feita no Rio

de Janeiro, e a secundária, no Colégio Estadual, situação semelhante à da historiadora Maria Stella de Novaes, a elite intelectual com formação universitária, criada na ou pela Ufes, ignorou sua obra. Somente encontrei sobre ele e sua obra uma pequena referência feita pelo prof. José Augusto Carvalho, em *Panorama das Letras Capixabas*, publicado na *Revista de Cultura – Ufes*, em 1982. Além disso, nem uma linha sequer escrita de crítica literária sobre a sua obra, cerca de duas dezenas, publicadas de 1942, quando lançou a novela *O Mistério da Ilha de Trindade*, ao *Entrevista de Guayaquil*, precioso e bem documentado relato histórico sobre a conquista dos povos sul-americanos pelos espanhóis, desde Vasco N. Balboa, sob a indiferença fatalista dos fortes e a mesma paixão pela pilhagem mesclada por um forte zelo pela propagação da Fé (p. 8). Em sua última obra publicada, Monjardim contrasta a violência e a crueldade da conquista espanhola à contemporização

dos lusitanos, com menos pressa na conquista. Em sua obra, o autor relata a destruição violenta das culturas originárias, sobretudo as astecas, maias e incas, num processo sanguinário de 300 anos e a luta pela independência das colônias espanholas, no início do século XIX, com a atuação de Miranda, Bolívar e San Martin, os principais líderes da América. O título da obra se refere ao acordo firmado em Guayaquil, entre Bolívar, que a desejava para a Colômbia, e San Martin, para o Peru. Eram os dois os libertadores do Norte e do Sul. Com a morte dos dois heróis, Guayaquil passa fazer parte do país chamado Equador, em 1830. Nesse livro, seu canto de cisne, Adelpho Poli Monjardim demonstra todo o seu conhecimento histórico sobre a América Latina, sua capacidade de lidar com fontes históricas pertinentes e a sua clareza na redação de um texto documental de nossa história.

Em *O Tesouro da Ilha da Trindade*, sua primeira obra literária, Adelpho Monjardim, embora iniciante, já apresentava maturidade linguística e estética, fruto de suas muitas leituras. O que desejo destacar, neste ensaio, no entanto, é a mistura de realidade e fantasia, característica da obra ficcional adelphiana. Conforme ele mesmo diz, no prefácio, à primeira edição: “Quando me propus escrever a novela *O Tesouro da Ilha da Trindade*, determinei de forma que a mesma não fosse apenas filha da fantasia, mero trabalho de ficção. Lenda ou realidade, essa história fabulosa viveu momentos de extraordinário esplendor ao apagar das luzes do século XIX, quando inúmeras expedições esquadrinharam os seus montes e vales à cata do fantástico El Dourado, para concluir: Como de início expus, esta novela não é fruto exclusivo da imaginação. Calcada sobre episódios históricos e mundialmente conhecidos, vem reviver a pitoresca e estonteante lenda que fez pulsar milhares de corações aventureiros e tornar conhecido de nós mesmos esse pedaço do Brasil, relegado ao esquecimento pela distância quase invencível que nos separa.” Assim, as lendas em torno de tesouros escondidos na Ilha de Trindade foram o motivo para o imaginário de Adelpho criar os personagens Ricardo Taylor, o Dick, filho de inglês e de brasileira e seu amigo Martinho de Nova, tenente da Marinha, que se aliam para ir em busca de um tesouro na Ilha da Trindade. Saem do porto de Vitória, em 1897, no Albatroz, com uma tripulação de 25 homens, comandados pelo Mestre Rodrigues. Ao chegarem à Ilha, descobrem Marina, filha do Mestre, e partem em busca do tesouro, que, no entanto, é protegido por um estranho vulto, o Solitário, um bichão ermo e grosso, com dois olhos que deitavam fogo. Após uma semana na ilha, muitas aventuras e perseguições ao monstro, chegam à caverna onde havia o tesouro guardado por ele. Martinho luta, ferozmente, com o monstro e vence-o, mas o tesouro se perde nas profundezas do oceano, junto com o seu guardião. Regressam a Vitória e Martinho ao Rio, mas promete voltar para ir em busca do tesouro perdido no fundo do mar. Dick, o narrador, termina a narrativa prometendo

do narrar, na próxima, a aventura que viveram, no mesmo cenário, quando voltaram, dez anos depois, em busca do tesouro perdido. É o final típico de uma novela de ação, como se pode observar, prometendo ao leitor novas aventuras: as peripécias dramáticas desta segunda expedição, levada a efeito dez anos mais tarde, pretendo, como a estas, enfeixar num livro que legarei aos meus filhos, se a minha saúde precária, irremediavelmente comprometida pelo clima inóspito da Trindade, o permitir.

Em sua primeira obra, Adelpho Monjardim já se apresenta como mestre desse gênero literário, a novela de ação, um modelo vencedor no século XIX e na primeira metade do século XX, cultivado por vários autores, bem como uma extraordinária capacidade de elaborar diálogos, para prender o leitor à sua narração. A presença do elemento estranho, misto de homem/animal, o solitário guardião, que luta até a morte para preservar o tesouro, também é outro elemento que caracteriza a narrativa realista fantástica, cultivada em outros livros do autor, como nos contos de *A Torre do Silêncio* e as *Novelas Sombrias*, em 1944. O realismo fantástico, em suas várias vertentes, o fantasmagórico, o estranho, o maravilhoso, foi sempre cultivado na literatura, e sua origem está no mito. Segundo J. L. Borges, o notável escritor argentino, costuma-se dizer que o relato fantástico, como gênero mais ou menos definido, aparece no século XIX, na literatura anglo-saxônica. Essa ideia, cremos, é demasiado parcial para ser verdadeira. Se recordarmos alguns dos temas recorrentes do conto fantástico – as aparições de fantasmas ou de seres desconhecidos, as viagens através do tempo, as metamorfoses, os animais fabulosos, os poderes extraordinários, os feitos simultâneos em mundos paralelos, ou a imortalidade – não são assuntos privativos dos dois últimos séculos. Encontram-se em tempos e espaços remotos. (In: *Literatura Fantástica*. Madri. Ed. Siruela, 1985).



Capas das primeiras edições publicadas em 194 pela Ed. Noite, do Rio de Janeiro.



Capa da 1ª ed. de *Vitória Física* e imagem do autor jovem inserida na edição (1950).

Todavia, pode-se observar que as duas obras citadas de Adelpho Monjardim estão totalmente inseridas no realismo fantástico, com os elementos clássicos do gênero predominante no século XIX, consagrado por Edgar A. Poe, Hoffman, H. G. Wells, Hawthorne e tantos outros. Adelpho Monjardim não escreve à moda de Kafka, seu contemporâneo, ou dos brasileiros Murilo Rubião ou J. J. Veiga. Seu realismo fantástico, ou fantasmagórico, é o do século XIX, sem as nuances psicológicas pós-freudianas a que se costuma associar o fantástico moderno. Assim, nos seis contos de *A Torre do Silêncio*, personagens e cenários são estrangeiros, exóticos à nossa realidade. Em *Vinte minutos na Lua*, o jovem jornalista nova-iorquino Bill, ao entrevistar um místico hindu, é submetido a uma experiência de ir ao lado desconhecido da Lua, por vinte minutos, em companhia da jovem Diana, assistente do guru; em *Uma noite de horror*, a experiência é passar uma noite de terror, numa casa abandonada, a *Casa da Morte*, onde, 15 anos atrás, ocorrera o assassinato de um fazendeiro por seu capataz; em *A Torre do Silêncio*, o cenário é a Índia, em 1857, na época da dominação inglesa. A história narrada por um oficial inglês, tempos depois, ocorreu durante a Revolta dos Cipayos, um levante armado dos indianos contra os ingleses, quando ele e um colega devem levar uma mensagem a um batalhão inglês e é preso, ferido, e colocado na torre do silêncio, onde os mortos eram colocados para serem devorados por abutres; o conto *O Satanás de Iglawaburg* ocorre em 1914, perto de Praga, quando o narrador, Ernest Beir, recebe um bilhete de um colega da universidade, para visitá-lo em seu castelo. Ao chegar lá, encontra o amigo preso à maldição de uma tela que retrata Satanás, o Gênio do Mal, trazida por um seu antepassado. O amigo enlouquece, incendeia o castelo e morre, pouco tempo depois, no hospício, enquanto o narrador se preparava para a Guerra, que incendiou a Europa. O quinto conto, *O Purba* retrata as aventuras de um jovem brasileiro filho dos Pampas, que sai pelo mundo, aos 17 anos, em busca de aventuras.

Depois de percorrer grande parte do mundo, se alia a um ex-pirata chinês, Feng-li, e decidem ir a Lhasa, a cidade sagrada, capital do Tibet. Depois de muitas peripécias, perigos e aventuras, conheceram o Buda Viva e o Purba, o punhal mágico que nomeia o conto; o último conto, *O Diário da Medusa* narra a história contada por um velho marinheiro, o Marselhês, sobre um barco, o Medusa, encontrado à deriva próximo à Ilha Maurício. Ao entrar no barco, encontrou a tripulação toda morta por monstro que invadiu um navio durante uma tempestade e o diário do capitão que registrou todo o horror. Sepultado o capitão e o Marselhês, ao chegar ao seu país, foi em socorro da família dos marinheiros mortos do Medusa. Conforme Borges, antes citado, a literatura é essencialmente fantástica, o importante é que o resultado seja feliz (Id., *ibid.*, p. 25). Essa me parece a tônica de todos os contos citados: apesar de todas as peripécias, desafios, incertezas, medos, perigos, há um equilíbrio ao final, uma volta à normalidade, o que não acontece nas narrativas kafkianas, onde tudo é fantástico, e assim permanece.

Novelas Sombrias, também publicado em 1944 pela mesma editora A Noite, do Rio, constitui-se de uma novela *O estranho caso de Phelippe Augusto Gringoire*, e de cinco contos: *O Fantasma da Casa Grande*, *O Fazendeiro da Bocaina*, *O Feiticeiro*, *O Lobisomem* e *O Convidado Nº 13*. Todos trazem elementos bem característicos da narrativa fantástica: elementos sobrenaturais, insólitos, inexplicáveis, estranhos, ilógicos, mas com uma nebulosidade com relação à fronteira entre o real e o irreal, o possível e o impossível. Essa indistinção provoca no leitor uma hesitação que o faz perguntar: será que isso aconteceu mesmo? Ou ainda: o ocorrido é imaginação ou realidade? É sobre essa vacilação que trabalha o autor das histórias fantásticas e, nesse aspecto, Adelpho Monjardim é craque, mestre na arte de efabular e de construir diálogos e enredos verossímeis e fantasiosos. Outra faceta interessante nas narrativas fantástica do autor é a de trazer lendas capixabas, como a do *Tesouro de Caçaroça*, *O Fantasma da Casa Grande* ou a do *Lobisomem do Caparaó*.

A alegria colorida de Beatriz Milhazes na Casa Roberto Marinho

Por Manoela Ferrari

manoela.ferrari@gmail.com

Fotos: Divulgação



A arte de Beatriz Milhazes em exposição inédita na Casa Roberto Marinho.

Há 12 anos sem expor no Rio, a alegria das cores da artista plástica carioca Beatriz Milhazes retorna à cidade com uma exposição inédita, *Pinturas Nômades*, na Casa Roberto Marinho. Até o final de março, cobrindo todo o período das férias escolares, o público terá a oportunidade de contemplar a versatilidade da mostra, com curadoria de Lauro Cavalcanti, reunindo uma série de intervenções arquitetônicas, pinturas, gravuras e instalações que atravessam quatro continentes, e marca duas décadas da atuação de Milhazes no diálogo entre arte e arquitetura.

Artes visuais, cores vibrantes, fluidez de formas que evocam natureza, ornamentos, transparências, curvas. A paleta de Milhazes é festiva, tropical, intrincada – e essa exuberância estabelece uma atmosfera de contemplação imediata, ocupando espaços diversos da Casa Roberto Marinho, instituição que alia arquitetura histórica e salas expositivas, cuidadosamente pensadas para gerar diálogo entre o interior e o exterior. A partir da entrada já é perceptível o convite, através das janelas adesivadas, anunciando que algo diferente nos aguarda.

Instalação exclusiva para essa mostra, batizada de *Corumbê*, a montagem, evocando vitrais, inclui vinis translúcidos recortados, em tons variados, aplicados às janelas do salão térreo, que emolduram o belo jardim projetado por Burle Marx, filtrando a luz natural. A técnica foi a mesma usada na maioria das intervenções de grande escala que a artista fez, entre 2004 e 2023: “São possibilidades de uma leitura colorida da natureza, que tem suas cores maravilhosamente desenvolvidas”, explica Beatriz.

A sala, cujo piso de mármore bicolor contrasta e potencializa o colorido dos vinis, vai abrigar, de dezembro a março, apresentações da Marcia Milhazes Cia de Dança, irmã da artista, que criou coreografias especiais para o espaço. No mesmo espaço está instalado o

painel *Waving Flowers*, pintura em escala real desenvolvida originalmente para a Galeria Max Hetzler, em Berlim. Trabalhada em cinco tons de cinza, a obra surpreende pela força plástica dentro de uma paleta monocromática.

A inspiração de *Corumbê* foi Djanira (1914-1979), pintora modernista que morou muitos anos na praia de mesmo nome em Paraty (cidade da família materna de Beatriz). Como nas demais individuais da CRM, Beatriz selecionou obras do acervo local para dialogar com sua produção, reservando uma sala para telas de Djanira e reunindo obras de fundo religioso assinadas por nomes como Mestre Valentim, Rosina Becker do Vale, Portinari e Rubem Valentim.

A trajetória da exposição revela sua amplitude internacional com a produção em grande escala criada para espaços como a Tate Modern e a estação de metrô *Gloucester Road*, na Inglaterra (2005); a Pinacoteca de São Paulo (2007); o prédio da Fundação Cartier, em Paris (2009); a Fundação Calouste Gulbenkian, em Lisboa (2011); a Ilha de Inujima, em Okinawa (Japão, 2017); a Ópera de Viena, na Áustria (2021); e o *Long Museum*, em Xangai (2021). Essas obras, que formam o núcleo central de *Pinturas Nômades*, foram reunidas pela primeira vez e são apresentadas em maquetes, ampliações e esboços, revelando o lado arquitetônico de Milhazes, mais conhecida pelas pinturas, colagens e gravuras exuberantes.

A mostra também reúne obras de diferentes fases da artista, como pinturas, gravuras, desenhos e a escultura suspensa *Mariola* (2010-2015). No andar superior, uma das salas retoma seu projeto para a 60ª Bienal de Arte de Veneza, em 2024 (em sua volta à mostra, depois de 2003), com trabalhos como as telas *O céu, as estrelas e o bailado* e *Meia-noite, meio-dia* (ambas de 2023) em volta da mesa de tecidos de seu acervo pessoal, de diferentes regiões do mundo, como foi montada



Instalação exclusiva para essa mostra, batizada de *Corumbê*, inclui vinis translúcidos recortados, em tons variados, aplicados às janelas do salão térreo.



Produção de Beatriz Milhazes para o prédio da Fundação Cartier, em Paris.

Obra projetada para a Ilha de Inujima, em Okinawa (Japão, 2017).

no Pavilhão das Artes Aplicadas da cidade italiana. Também é exibida na sala a tapeçaria inédita “*Dance in yellow*” (2020), fruto da produção têxtil a que a artista vem se dedicando recentemente.



A tapeçaria inédita *Dance in yellow* (2020) também está na exposição *Pinturas Nômades*.

a ideia é levar aos visitantes cada etapa do processo para o desenvolvimento das obras públicas.

Beatriz: “aquela que traz felicidade”

Considerada uma das mais importantes artistas brasileiras e internacionais, a carioca Beatriz Milhazes, nascida em 1960, vive e trabalha no Rio de Janeiro. Formada em Comunicação Social, ingressou na Escola de Artes Visuais do Parque Lage em 1980, onde estudou até 1983. Seu trabalho tem sido objeto de exposições individuais e retrospectivas em importantes instituições, como Pinacoteca do Estado de São Paulo, São Paulo (2008); Foundation Cartier, Paris (2009); Fondation Beyeler, Basel (2011); Fundação Calouste Gulbenkian, Lisboa (2012); MALBA – Museo de Arte Latinoamericano, Buenos Aires (2012); Paço Imperial, Rio de Janeiro (2013); PAMM – Pérez Art Museum, Miami (2014/2015); MASP, São Paulo (2020); Long Museum, Shanghai (2021); Turner Contemporary, Margate, UK (2023); Tate St Ives, St Ives, UK (2024); e Solomon R. Guggenheim Museum, New York (2025).

O nome Beatriz tem origem latina – do latim Beatrix – que significa “a que faz bem”, “a que traz felicidade”. Essa etimologia não é mero detalhe, mas ressoa de maneira simbólica com o trabalho da artista, cuja obra inspira alegria, festividade visual, brilho, cor e padrões que celebram a vida. Em *Pinturas Nômades*, essa luminosidade não está apenas nas cores, mas emerge na escala monumental, no encontro entre o espaço arquitetônico e a obra, no jogo de luz e sombra, na transparência dos materiais. A exposição convida o público a experimentar uma sensação de felicidade estética, estimulada tanto pelas formas visuais quanto pela própria experiência de entrar num espaço transformado pela arte.

Essa harmonia entre nome e obra reforça uma leitura poética: Beatriz, “aquela que traz felicidade”, manifesta esse papel ao transformar ambientes, movimentar olhares, evocar afetos. Em cada instala-

ção, a artista propõe uma celebração – não apenas do visual – mas do encontro entre distintos universos culturais (natureza, arquitetura, arte popular, artes aplicadas) e o público, que é convidado a contemplar, sentir, passear pelas cores e composições.

ção, a artista propõe uma celebração – não apenas do visual – mas do encontro entre distintos universos culturais (natureza, arquitetura, arte popular, artes aplicadas) e o público, que é convidado a contemplar, sentir, passear pelas cores e composições.

Pinturas Nômades reafirma a importância de Beatriz Milhazes no cenário da arte contemporânea brasileira e internacional. Ser a primeira grande mostra no Rio de Janeiro dedicada a suas intervenções arquitetônicas – muitas delas nunca vistas localmente – traz não apenas possibilidade de fruição estética, mas também de reflexão sobre arte pública, uso do espaço urbano, diálogo entre memória, cultura, identidade local e global. Em tempos de pressa e escuridão, uma exposição que celebra luz, cor, arquitetura e alegria torna-se mais que uma mostra: é um convite à vida contemplativa e à celebração estética. Quem visitar a Casa Roberto Marinho encontrará não só arte, mas um nome que se manifesta em cada cor, cada vidro translúcido, cada curva: Beatriz Milhazes.

Serviço:

Pinturas Nômades, de Beatriz Milhazes.

Curadoria: Lauro Cavalcanti.

Encerramento: março de 2026.

Instituto Casa Roberto Marinho.

Rua Cosme Velho, nº 1105 – Rio de Janeiro | RJ.

Tel: (21) 3298-9449.

Visitação: terça a domingo, das 12h às 18h. (Aos sábados, domingos e feriados, a Casa Roberto Marinho abre a área verde e a cafeteria a partir das 9h.)

Ingressos à venda exclusivamente na bilheteria: R\$ 10 (inteira) / R\$ 5 (meia entrada)

Às quartas-feiras, a entrada é franca para todos os públicos.

Aos domingos, “ingresso família” a R\$10 para grupos de quatro pessoas.

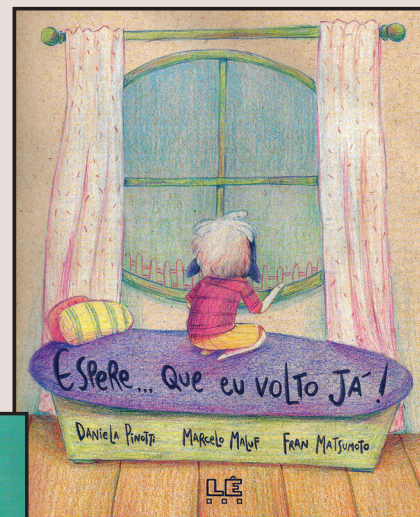
A Casa Roberto Marinho respeita todas as gratuidades previstas por lei e é acessível a pessoas com deficiência física.

Estacionamento gratuito para visitantes, em frente ao local, com capacidade para 30 carros.





crianças pequenas e que ainda não têm a noção de tempo. Daniela Pinotti e Marcelo Maluf escreveram e Fran Matsumoto ilustrou, preenchendo as páginas com lápis de cor e emoção.



Não! Não estou me referindo ao filme de sucesso sobre Esparta, com aquele ator bonito (que eu adoro!).

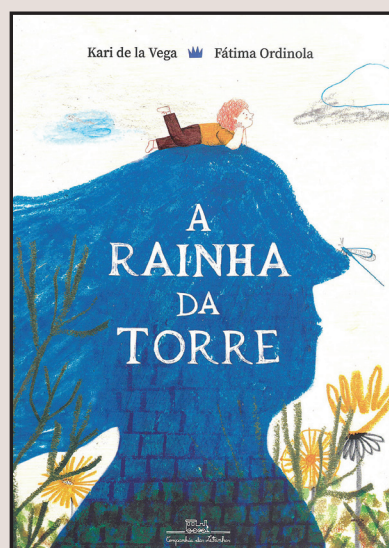
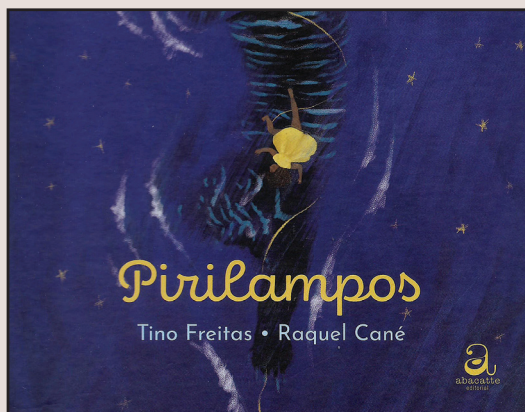
Esta nossa página é a de número 300! Histórias, autores, eventos, que desde 1999 sempre estiveram presentes, sem falhar, em todos os números do JORNAL DE LETRAS.

O melhor presente é continuar selecionando livros de qualidade, com a união de boas histórias e edições cuidadosas, valorizando a produção nacional, cientes dos bons livros estrangeiros.

Nesta página, uma nova seleção de livros que vão agradar aos pequenos leitores, com brincadeiras, risadas e reflexões. Temas sensíveis são trabalhados com cuidado e afeto.

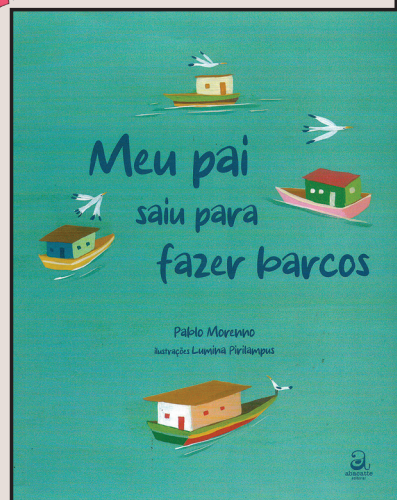
Vamos continuar comemorando, os livros estão aí, nos empurrando rumo ao futuro!

Pirilampas – (abacatte) – Depois da experiência de sucesso com *Puxa! Puxa!* (Brinque-Book), Tino Freitas resolveu continuar com o livro esticadinho! *Pirilampas* é assim, um livro em faixa sanfonada que conta a história da menina que gostava de desenhar. Ao descansar o lápis sobre o papel, a magia assume a história com a lindeza das ilustrações de Raquel Cané. Livro pequenino, para guardar perto do coração.



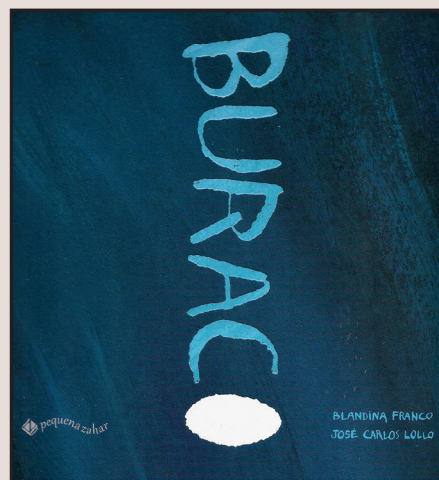
tradução é de Livia Deorsola.

Espera... Que Eu Volto Já! – (LÊ) – Agora a história se inverte, a mamãe saiu e o carneirinho está aflito à sua espera. Enquanto a irmã dança e faz bagunça, ele se angustia com a demora e começa a pensar que ela pode não voltar. Situação que vivenciamos com



Meu Pai Saiu para Fazer Barcos – (abacatte) –

Tema sensível. O pai é preso (os outros desapareceram ou morreram). A causa da prisão não é definida. A promessa do retorno, de construir barcos e de ir ver o mar mantém a menina ligada ao pai. Quando o encontra, recebe os barcos artesanais que ele faz na prisão. A angústia apresentada na história é suavizada pelas ilustrações. Para que o pai encontre o caminho de casa, Marina marca o trajeto com barquinhos de papel.



Buraco – (Pequena Zahar) – Texto de Blandina Franco e ilustrações de José Carlos Lollo. Formato alternativo, um bloco. Tema sensível. Às vezes estamos com sentimentos e emoções tão fortes que acabamos entrando num buraco bem fundo criado por nós

mesmos. E tentamos sair de muitas formas, sem sucesso. Existe somente uma maneira para atingirmos a saída: a palavra! Ao expormos os problemas e as aflições vamos encontrar a maneira de sairmos desse buraco interior. A metáfora do buraco e o caminho a seguir vai ajudar as crianças a expressarem o seu sentimento e o que as aflige. Livro especial.



Respire Fundo, Grande Monstro Vermelho! – (Brinque-Book) –

Esta história me lembrou de um outro moço irritado, o *Zeca Zangado* (Brinque-Book), de Robert Starling, com tradução da Gilda de Aquino. Ed Emberley criou um livro, quase brinquedo, com imagens continuadas que vão transformando o humor desse monstro raivoso; a surpresa dos recortes é a grande mágica. A tradução é da querida Elisa Zanetti. Já estou brincando!

BCB Biblioteca Cultural Básica

O Jornal de Letras apresenta mais três autores cujas obras não podem faltar numa Biblioteca Cultural Básica.

acervo JL



PERCIVAL EVERETT

(Estados Unidos, 22 de dezembro de 1956) Escritor americano e professor de inglês na Universidade do Sul da Califórnia. Escreveu seu primeiro romance, *Suder*, em 1983. Em 1987, publicou *The Weather and Women Treat Me Fair: Stories*, uma coleção de contos. Em 1990, publicou dois livros que reformulam os mitos gregos: *Zulus*, que combina o grotesco e o apocalipse; e *For Her Dark Skin*, uma nova versão de *Medea*. Em 1992, escreveu um livro infantil, *The One That Got Away*. Voltando aos romances, publicou seu primeiro livro de faroeste, *God's Country*, em 1994. Em 1996, publicou *Watershed* e também publicou sua segunda coleção de histórias, *Big Picture*. Em *Frenzy* (1997), voltou à mitologia grega. *Glyph* (1999). *Grand Canyon, Inc.* (2001) é a primeira novela de Everett. Em 2004, lançou *American Desert* e *Damned If I Do: Stories*, outra coleção de contos. Seu último livro de poesia, *Swimming Swimmers Swimming*, foi publicado em 2010 pela Red Hen Press. *The Water Cure* (2007) foi outro romance aclamado pela crítica. Em 2009, a Graywolf Press lançou *I Am Not Sidney Poitier*. Em 2011, publicou *Assunção: um romance*. Em fevereiro de 2013, a Graywolf Press publicou *Percival Everett de Virgil Russell*. Em 2021, *The Trees*, um romance sobre linchamentos no Mississippi (publicado no Reino Unido pela Influx Press). Ganhou o *Anisfield-Wolf Book Award* e foi selecionado para o *Booker Prize* de 2022. Everett mora em Los Angeles, Califórnia.

acervo JL



HIRONDINA JOSHUA

(Maputo, Moçambique, 31 de maio de 1987), Escritora e jurista moçambicana. É membro da Associação dos Escritores Moçambicanos. Uma das melhores vozes da sua geração. Traduzida em várias línguas. No Brasil, o seu livro *Os Ângulos da Casa* foi adaptado para uma peça de dança moderna. Participou no Festival Internacional do Livro de Edimburgo, a maior celebração pública da palavra escrita no mundo. Suas obras se apresentam em diversos estilos literários, a seguir. Poesia: *Os Ângulos da Casa*, com prefácio de Mia Couto, 2016; *A Estranheza Fora da Página*, co-autoria com Ana Mafalda Leite, 2021, Edições Húmus; *Colecção 12Catorze*, *Córtex*, 2021, Editora Exclamação; 2023, *A Boca no Ouvido de Alguém*, organizada por Tiago Alves Costa, Galiza, ed. Através; 2023, *O Concerto das Letras – Contos*, inspirados em música, organizada por Jessica Cardin, prefácio de Leandro Karnal, Brasil, ed. Tipografia Musical. Conto: *Como um Levita à Sombra dos Altares*, 2021, Edições Húmus, *Colecção 12Catorze* (Conto). Tem participação em várias antologias e textos publicados em jornais e revistas de Moçambique, Portugal, Angola, Galiza, Brasil e Macau. Antologias e Obras: 2005, *O Grasnar dos Corvos* (Peça de Teatro), co-autoria; 2021, Português, *Lugar de Escrita – Mulheres Na Poesia*, co-autoria, organizado pela Casa Fernando Pessoa. Em 2014, recebeu menção honrosa no *Premio Mondiale di Poesia Nösside*, oferecida pela diretoria internacional de poesia da Unesco, com a obra *Invenção*.

acervo JL



ALEXANDRA LUCAS COELHO

(Lisboa, 1967) Jornalista e escritora portuguesa. Estudou teatro no IFICT. Formada em Ciências da Comunicação pela Universidade Nova de Lisboa, trabalhou como correspondente do jornal *Público*, tendo viajado pelo Oriente Médio e Ásia Central. Estas experiências foram a base dos seus primeiros dois livros, os relatos de viagem *Oriente Próximo* e *Caderno Afegão*. Publicou em 2012 seu primeiro romance, *E a Noite Roda*. No Brasil, a editora original é a Tinta da China Brasil. Viveu em Jerusalém e no Rio de Janeiro de 2011 a 2014. É autora dos livros: *Gaza Está em Toda a Parte*, 2025, Editorial Caminho; *Cinco Voltas na Bahia e Um Beijo para Caetano Veloso*, 2019, Bazar do Tempo; *Orlando e o Rinoceronte*, 2017, Alfaguara; *Vai Brasil*, 2013, Tinta da China; *Tahrir!*, 2011, Tinta da China; *Viva México*, 2010, Tinta da China; *Caderno Afegão*, 2009, Tinta da China; *Oriente Próximo*, 2007, *Relógio D'Água*. Romances: *A Nossa Alegria Chegou*, 2018, Companhia das Letras; *Deus-dará*, 2016, Tinta da China; *O Meu Amante de Domingo*, 2014, Tinta da China; *E a Noite Roda*, 2012, Tinta da China. Prêmios e Distinções: 2012 – Grande Prêmio de Romance e Novela Associação Portuguesa de Escritores/ Direção-Geral do Livro dos Arquivos e das Bibliotecas, com *E a Noite Roda*; 2020 – Venceu o Grande Prêmio de Literatura de Viagens Maria Ondina Braga, com *Cinco Voltas na Bahia e Um Beijo para Caetano Veloso*.

Luís Jardim: um nome para lembrar

Por Danilo Gomes*

No trono da França, houve muitos Luíses. Na literatura de língua portuguesa também: Luís de Camões, Luís Forjaz Trigueiros, Luís Guimarães Júnior, Luís Edmundo, Luís da Câmara Cascudo, Luís Martins, Luís Fernando Veríssimo, Luís Jardim. Foquemos nesse último, que anda muito apagado da memória dos leitores. Dele acabo de ler *O Meu Pequeno Mundo*, um livro de memórias da infância. O autor lhe deu um subtítulo: Algumas lembranças de mim mesmo. A obra, de 187 páginas, saiu pela José Olympio, em 1976. O próprio autor criou a capa: era um grande ilustrador, desenhista e artista gráfico, famoso pelos seus bicos de pena; seu autorretrato é um primor. Detalhe: nunca fez cursos, era um autodidata das letras e das artes gráficas.

Luís Ignácio de Miranda Jardim nasceu em 8 de dezembro de 1901, em Garanhuns, PE, e faleceu no Rio de Janeiro, em 1º de janeiro de 1987. Foi introduzido no mundo editorial literário pelo seu coestadano Gilberto Freyre. Era um cultor da literatura para crianças e deixou, nesse campo, livros premiados: *O Boi Aruá*, *O Tatu e o Macaco*, *Proezas do Menino Jesus*, *Aventuras do Menino Chico de Assis e Façanhas do Cavalo Voador*. Casado com Alice Alves Jardim, o casal não teve filhos.

Luís Jardim foi funcionário do IPHAN, em cuja revista publicou ensaios sobre a pintura mineira barroca do século XVIII. Ilustrou o Guia de Ouro Preto, do também pernambucano Manuel Bandeira, e os Guias do Recife e de Olinda, ambos da lavra de Gilberto Freyre. Foi redator do Instituto do Açúcar e do Alcool e, por muitos anos, trabalhou na editora José Olympio.

Destacou-se como colaborador e redator de jornais do Rio de Janeiro. Era um prosador admirado pela alta verve, finura estilística e elegância formal, discreta. Ressalte-se também a alta voltagem da poética de sua prosa, seja como ficcionista, seja como memorialista.

Nosso autor legou-nos outros livros notáveis, na seara do conto e do romance: *Maria Perigosa*, *As Confissões do meu Tio Gonzaga* e *O Ajudante de Mentiroso*. Recebeu prêmios da Academia Brasileira de Letras.

Necessário registrar o volume Seleta, com vários de seus trabalhos. A seleção ficou a cargo do erudito Paulo Rónai, com notas, comentários e estudo crítico do não menos erudito Eugênio Gomes. Figuras ilustres da nossa vida literária teceram elogios aos livros do pernambucano, entre eles Monteiro Lobato, Carlos Drummond de Andrade, Wilson Martins, os já mencionados Eugênio Gomes e Paulo Rónai, Rachel de Queiroz, outros mais.

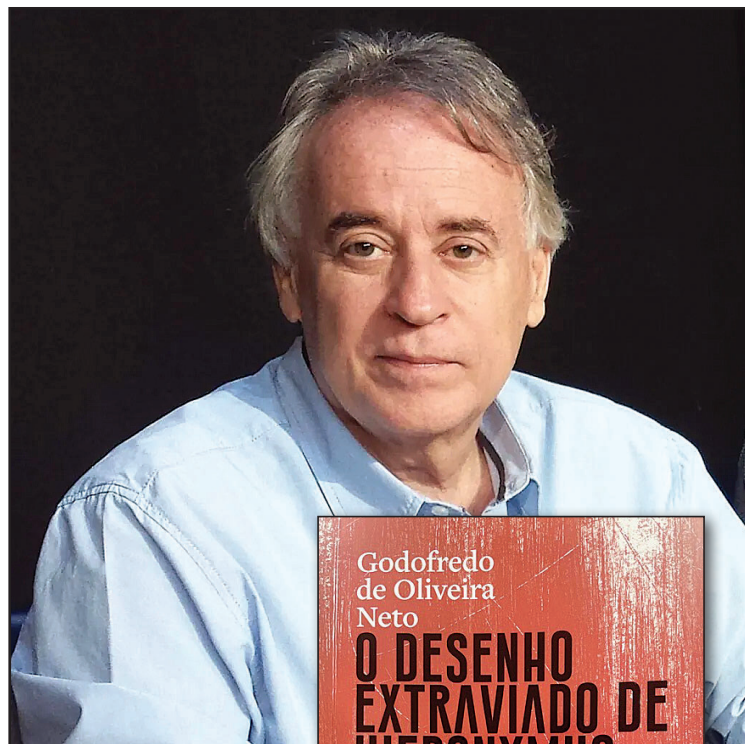
No seu livro de memórias, *Tempo ao Tempo*, o também pernambucano Sylvio Rabello menciona Luís Jardim, à pág. 101. Ele chama Luís Jardim de “amigo dos mais fraternos”. Luís perdeu o pai quando ainda menino, nas brigas de famílias, nos começos do século XX; brigas por política e por terras, como acontecia Brasil afora, aliás, mundo afora.

A linguagem de *O Meu Pequeno Mundo* é cursiva, linear, coloquial, recheada de humor e carregada de fortes sentimentos, até metafísicos... Palavras e expressões interioranas, “da roça”, pipocam aqui e ali, na pena de Luís Jardim, para regalo do leitor. Darei só um exemplo, para não espichar muito a conversa. Eis uma palavra, na pág. 13: perequeté. Lá em Minas, nós dizíamos prequeté. O que significa? Significa emperiquitado ou emperiquitado, galhardo, faceiro, elegante, frajola, pimpão, guapo, taful, loução, vistoso. Segundo o filólogo Antenor Nascentes, perequeté é um termo de origem indígena. Sim, como macambira, maracanã, pindorama, itacolomi, itamarati, aquiraz, paranoá e centenas de outros. Mas não posso mais espichar a conversa. Adeus! Leiam Luís Jardim!

*Danilo Gomes é membro da Academia Mineira de Letras.

Reflexões sobre a arte da escrita

Por William Soares dos Santos*



Godofredo de Oliveira Neto e seu livro, *O Desenho Extraviado de Hieronymus Bosch*.

Godofredo de Oliveira Neto é um exímio escritor que já demonstrou o seu domínio da narrativa em seus vários livros, como *O Menino Oculto* (2005), *Amores Exilados* (2011) e *O Grito* (2016), apenas para citar alguns marcos de sua produção. Em seu mais recente romance, *O Desenho Extraviado de Hieronymus Bosch* (São Paulo: Minotauro / Almedina, 2023), ele inova em sua produção ao trabalhar a sua escrita de forma a lhe impor um ritmo, que é, ao mesmo tempo, rápido e circular em que a narrativa busca acompanhar a velocidade da comunicação hodierna da troca de mensagens por telefone celular, entre alternâncias entre narrativa e diálogo e trocas de perspectivas de quem conta a história, na qual a narração também acontece em vários planos, em que o personagem principal ora narra, ora é narrado. Tudo em um ritmo no qual importa mais o modo como o texto é construído do que a trama em si, com um possível começo, meio e fim. Com esse romance, Godofredo parecer trabalhar com a perspectiva de que literatura é forma. A história que ele nos conta até poderia ser contada pelo cinema ou pelo teatro, mas nunca com a forma, o ritmo e as características que a literatura propicia.

A trama acontece em um cenário em que a pandemia do COVID estava prestes a explodir, em que se pressente uma tensão no ar e em que, a todo o momento, somos lembrados de uma gripe estranha que afeta mais e mais pessoas e que, nas palavras do texto (p. 115), é “um negócio brabo, um vírus que vem da China”. É nesse contexto que Luigi, um jovem catarinense, parte em uma missão internacional em busca de um esboço (que pertenceria à sua família) da famosa pintura *A extração da pedra da loucura*, realizada entre 1475 e 1480 pelo pintor holandês Jeroen von Aken, mais conhecido pelo pseudônimo de Hieronymus Bosch (1450-1516). A sua busca pelo valioso desenho o levará a encontros inusitados em Santa Catarina, Veneza, Nova York e, sobretudo, a um encontro com a sua mente inquieta, que, em muitos momentos, parece não distinguir entre ficção e realidade ou entre sanidade e loucura. O personagem central se envolve em uma espiral de eventos que parecem conduzi-lo a uma espécie de autoconhecimento em que ele tem de aprender a controlar a si mesmo

diante de crises de ciúme que sente de sua namorada distante, diante de decisões a serem tomadas, ou frente a desmaios que lhe acometem a cada vez que ele tem de lidar com o pânico, com o medo, com a violência, ou com algo inesperado, com situações que fogem aos seus planos previamente traçados e, principalmente, com a visão (muitas vezes negativa) que tem de si mesmo, como vemos no seguinte trecho (p. 104): “... desapareço de mim mesmo, nas minhas cavernas fétidas e sombrias, a imagem da barata se arrastando no esgoto me invade os olhos, às vezes tenho nojo de mim.”

A incumbência de recuperar o valioso esboço conduzirá Luigi a um périplo no qual ele tem de lidar com mafiosos, uma prostituta, redes de espionagem, falsificadores de obras de arte, intrigas dentro da própria família e incertezas de quem ele pode confiar ou não, o que o leva à paranoia e a visões de características surrealistas como as encontradas nas pinturas de Bosch (p. 61): “Viajo, a cabeça viaja, o corpo voa, levito, dou ordens à natureza, os animais da floresta permanecem estáticos, congelados, aguardam minhas diretivas, homens e mulheres se aproximam, ajoelham-se, pedem benção, só vos resta o inferno, digo com voz rouca. Seus pecadores!” A trama é, também, sobre a tentativa de o personagem principal provar para si mesmo e para os outros que é capaz de realizar uma tarefa importante no mundo, em meio a uma família que duvida dele o tempo todo e o vê como o elo mais fraco de sua corrente (p. 71): “... irmão burro, babaca, sempre foi aéreo, olhando para as estrelas, tinha visões na infância, visões para não ir à escola, o vadio, sexualidade ambígua, como é que a gente aceitou que um zero à esquerda desse ficasse como nosso inventariante?” Diante dessa visão familiar negativa, Luigi busca provar, não com pouca dificuldade, para si mesmo e para os outros, que consegue lidar com a “missão” que a família lhe entrega. E nessa busca ele se coloca em situações limites, como a ida ao submundo latino de Nova York.

Na trama, Godofredo de Oliveira explora a todo momento elementos como a tensão, a ilusão, a fantasia e a loucura, temas tão caros à própria pintura de Hieronymus Bosch, como um desejo de trazer para o mundo da literatura o espírito da obra do pintor holandês ou, ao menos, de constituir uma literatura que seja referencial à obra do pintor como, por exemplo, no momento em que o personagem principal, se dirigindo aos leitores, fala de sua própria dificuldade em lidar com aquilo que chama de “minha loucura” (p. 28): “Não tenho forças para me desvencilhar da minha inconstância e loucura, talvez o leitor e a leitora o tenham.” Mas o livro não se limita à evocação de Bosch, ele é multireferencial. São muitas as referências literárias, cinematográficas e de outras artes na obra como, por exemplo, cinema, opera e, é claro, pintura. Dante Alighieri, Clarice Lispector, Cruz e Souza, Caetano Veloso, Cildo Meireles, Ana Cristina César, José Saramago, Carolina Maria de Jesus, Manu Chao, Martinho de Haro, Adriana Varejão, José Padilha, Cruz e Souza e Georges Bizet são apenas alguns referenciais evocados na trama, o que confere à escrita um caráter dialógico e fragmentado.

Ao final da narrativa, Luigi vê a obra de Bosch como que refletida em sua própria existência, como se a sua procura fosse, nada mais, nada menos, do que uma busca por si mesmo e pelo seu lugar na existência (p. 112): “Ando até a Galeria dell’Accademia, direto às pinturas de Bosch, o tríptico da *Santa Liberata*, a santa crucificada me apavora, os painéis *Quatro visões da outra vida* remetem para a minha vida, o tema da punição e da recompensa, o pecado e a virtude, o profano e o sagrado, minha vida.” Trata-se de um movimento no qual obra de arte e vida se confundem, uma mensagem (ou, ao menos um lembrete) que perpassa todo o romance, pois cada referência não é aleatória, mas se funda firme na vida e no modo de ser dos personagens. Trata-se de referências que ajudam a dar forma constante e incessante (principalmente no caso de Luigi) às suas identidades múltiplas em meio à busca por um lugar no mundo.

Acho interessante finalizar, observando que, além de Luigi, outros personagens do livro são apresentados de forma tão fragmentada que podem também ser resumidos em uma das falas que definem o personagem principal como alguém que não consegue fazer nada (p. 30): “A Matilde, minha irmã, acha o Luigi um deus, inteligente, estudioso, filho que qualquer mãe queria ter, ele foi para a universidade porque não sabe fazer nada, não achou trabalho. São todos assim, parece um esboço de uma vida, uma esquisse de quadro.” No fim, não é apenas o personagem principal que se mostra incerto e no limiar da loucura. Todos os personagens e, até mesmo, a própria trama com o seu caráter vacilante e fragmentado podem ser interpretados como uma metáfora para a incompletude. Godofredo de Oliveira constrói uma narrativa ímpar na qual a busca do esboço de um quadro se transforma em uma potente metáfora para a vida incompleta, tensionada e fragmentada da contemporaneidade, em que muitas pessoas lutam para tentar realizar algo em suas vidas, mas que só conseguem ficar no esboço de suas próprias e mal definidas existências.

*William Soares dos Santos é professor da Universidade Federal do Rio de Janeiro – UFRJ e escritor.

O Carteiro e o Poeta

Por Raquel Naveira*

Escritora vivendo em Campo Grande, Mato Grosso do Sul, uma cidade distante do eixo cultural, a minha Ilha Negra, muito antes dos computadores e celulares, tornei-me uma missivista incansável, enviando livros e cartas pelos Correios, por mais de quatro décadas, sempre pensando com ardente paciência: “O carteiro é amigo do poeta.” Assim surgiu o poema *Carteiro*:



O Carteiro e o Poeta, o livro depois transformado em filme, é um romance profundo e emocionante. O escritor e jornalista chileno, Antonio Skármeta (1940-2024), foi designado para escrever uma entrevista com o poeta Pablo Neruda (1904-1973), em Ilha Negra. Lá ele conheceu os personagens da história: Neruda, sua mulher, Matilde Urrutia; o carteiro, Mário Jimenez, que entregava cartas ao poeta; e Beatriz. Beatriz, moça bonita, a princípio era distante, imune às investidas do carteiro, mas, aos poucos, foi seduzida por seus versos, pois ele aprendera o poder da linguagem poética e das metáforas com o mestre Neruda. Numa leitura psicanalítica, poetas e carteiros são símbolos de condutores de palavras. Entre Pablo Neruda e o carteiro italiano, instala-se um processo de transferência.

O livro veio a lume catorze anos depois desse encontro. Depois das mortes do carteiro e do poeta. Um livro que fala de amor, de amizade, de fé no ideal da força da palavra e do encanto da Poesia.

Trecho do romance em que Neruda escreve ao carteiro Mário Jimenez:

(...) Mas também queria pedir uma coisa, Mário, que só você pode cumprir. Todos os meus outros amigos ou não saberiam o que fazer ou pensariam que sou um velho caduco e ridículo. Quero que você vá com esse gravador passeando pela Ilha Negra e grave todos os sons e ruídos que vá encontrando. Preciso desesperadamente de algo, nem que seja o fantasma de minha casa. A minha saúde não anda nada bem. Sinto falta do mar. Sinto falta dos pássaros. Mande para mim os sons da minha casa. Entre no jardim e faça soar os sinos. Primeiro grava esse repicar suave dos sininhos pequenos quando o vento bate neles, depois puxe o cordão do sino maior cinco, seis vezes. Sinos, meus sinos! Não há nada que soe tão bem quanto a palavra sino se a penduramos num campanário junto ao mar. E depois vá até as pedras e greve a arrebentação das ondas.

Lá vem o carteiro
Vestido de azul e amarelo
Sobre a bicicleta
Impulsionada pelo vento;
Há nele algo do deus Mercúrio,
Imagino de repente
Pequenas asas em sua cabeça,
A túnica sobre o braço,
A bolsa cheia de mensagens.
Vem, carteiro,
Artesão de sonhos,
Força germinativa
De quem porta ideias,
Ordem,
Fortuna.
Vem,
Com tua carga preciosa,
Arfa meu coração
Enquanto espero que me does teus bens
Em forma de palavras,
Letras
E promessas.
Vem, só tu sabes,
Astucioso arauto,
Quão grande é meu espírito de combate,
Eu que escrevo cartas,
Cartas,
Muitas cartas
Que voam
Como borboletas.

Só tu calculas minha audácia
De caminhar por estradas cheias de riscos
E atravessar mares de espumas.
Como tu, escuto atrás das portas,
Ligo antenas
Pelas vias do pensamento
E da comunicação.
Vem, carteiro,
Companheiro,
Despeja sobre meu peito
Um outono de folhas
Prensadas de esperança.
Vem, carteiro,
Elo entre mim e o mundo,
Prisioneira solitária
De uma ilha escura.
Vem, carteiro,
Vem hoje,
Amanhã,
Sempre,
Vem, até o último dia,
Quando exausta,
Consumida de amor,
Conduzirás minha alma até a região dos mortos
Onde conhecerei face a face
Todos os homens e anjos
A quem enviei cartas.

*Raquel Naveira é membro da Academia Mato-grossense de Letras.

Carta a um jovem poeta

Por Peilton Sena*

Prezado poeta,

Recebi mais uma de suas cartas com o coração em festa e a respondo com a mesma alegria de sempre. No entanto, não posso lhe dar o que você me pede. Não sou um sábio para aconselhá-lo, nem um santo para lhe servir de exemplo. Definitivamente não posso fazer o que você insistentemente me pediu, porque nem sempre eu mesmo tenho a coragem necessária para trilhar o caminho entre a mão e o coração.

A Poesia não é um fantoche que se entrega facilmente à manipulação das nossas vontades e desejos, nem bate à porta quando a chamamos a qualquer hora do dia ou da noite. Requer muito mais do que só inspiração. Ela nos beija, nos abraça e por vezes nos aperta contra seu peito como uma noiva linda e apaixonada em plena lua de mel. Mas depois, exige renúncias, fidelidade, comprometimento com o que é justo, verdadeiro, digno de ser impresso, lido, assimilado, saboreado, declamado, cantado... Aquilo que vale a pena ser guardado na mente e no coração.

Por isso, meu querido jovem poeta, a resposta para essa sua angústia existencial em saber se deve ou não continuar trilhando o árduo caminho dos versos, não estão nas palavras de um simples aprendiz de poeta como eu, mas dentro de você mesmo. Investigue o motivo que o manda escrever; mergulhe em seu interior, escave e examine se as suas raízes se estendem pelos cantos mais profundos de sua alma. Pergunte a si mesmo: morreria se me fosse impedido escrever? Sinto-me forçado a fazê-lo? Ou abraço esse fardo suavemente, acolho esse dom e a ele me ponho a serviço como um humilde operário da palavra? Repito: não posso aconselhá-lo. Não sou um mestre,

um expert em Poesia. Apenas sirvo à mesma com dedicação, amor e alegria! A única coisa que eu posso fazer por você é deixar registrado nessa missiva algumas dicas que eu mesmo sigo, de como se portar diante dessa iluminada musa e o que fazer para não a macular, dialogando com ela, aceitando seus caprichos... Enfim, sendo um instrumento em suas mãos.

Quando expor ao mundo seus poemas, não espere retorno. Já é uma grande bênção ser um semeador de boas palavras. E nunca esqueça que há diferentes tipos de solos onde as sementes dos nossos versos podem cair: férteis, pedregosos ou cheios de espinhos.

Poemas são lindos presentes. Por isso, os embrulhe sempre com a verdade do seu coração e tenha consciência de que nem todos vão compreender a mensagem contida neles. Aprenda a ter paciência, cada um está em seu grau de evolução.

Em sua jornada, assuma o compromisso de transformar poemas em pontes e não em muros. Acredito que a tarefa mais linda de um homem, sendo ele poeta ou não, seja a de unir os homens.

Escute a verdade do seu coração, escreva sempre com responsabilidade e não seja leviano em suas palavras. Em algum lugar do universo seremos cobrados por elas ou pelo silêncio delas.

Quando seguimos o caminho da Poesia, não devemos cultivar mágoas. Aprendi que coração leve e mente desperta sempre fazem um bom poeta. Sendo assim, faça o possível para perdoar aqueles que não são receptivos aos seus versos. Estão no direito deles.

Palavras, sejam elas em verso ou prosa, também são alimentos e no mundo há muita gente com fome de carinho e de afeto. Por isso, por mais cafona que pareça, não tenha vergonha de versejar sobre o Amor.

Aceite as críticas, mas não seja paralisado por elas. Foque em ser honesto em sua poesia. No final, será entre você e o Poeta Maior.

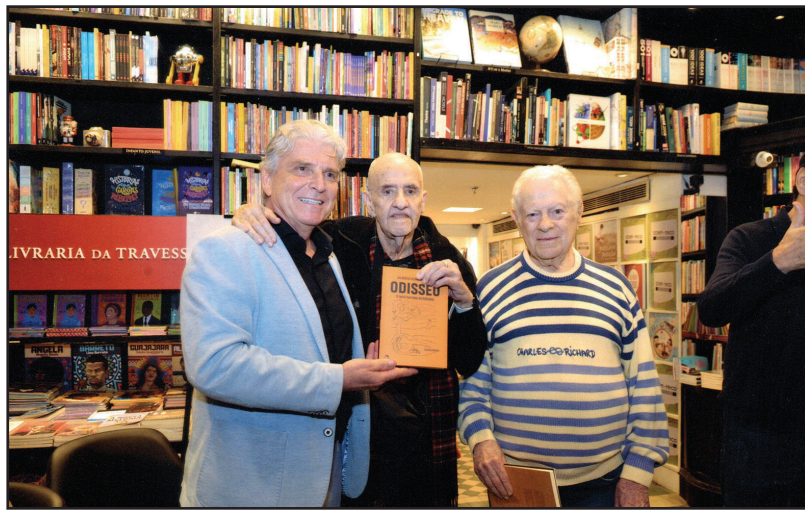
Ciente de que encontrará em seu íntimo as respostas necessárias às suas perguntas, despeço-me com o carinho e a gratidão de sempre, reafirmando o quanto é especial fazer parte dessa jornada literária e espiritual com você!

Saudações literárias e um fraternal abraço do seu poetamigo.

*Peilton Sena é membro da Academia Santista de Letras.

Gilberto Schwarzmansmann lança novo livro

Na noite de 5 de setembro de 2025, a Livraria da Travessa do Leblon recebeu o lançamento do livro *Odisseu, O Herói Humano da Odisseia*, de Gilberto Schwarzmansmann, médico oncologista que transita entre a ciência e as letras. Publicado pela Editora Sulina no fim de agosto, o livro propõe uma releitura original e instigante do clássico de Homero inspirando novos olhares sobre a figura de Odisseu, o célebre herói da Guerra de Tróia. Utilizando uma linguagem poética que remete à forma dos hexâmetros dactílicos da obra homérica, o autor foca na humanidade do herói: suas dúvidas, falhas e estratégias afetivas. Schwarzmansmann aproxima o texto clássico de leitores contemporâneos, propondo uma leitura crítica e ao mesmo tempo visceral. A edição traz ilustrações de Zoravia Bettiol, que dialogam com a prosa e com episódios-chave da jornada. Em entrevista durante a noite de autógrafos, Schwarzmansmann explicou seu interesse em devolver ao público a dimensão humana do mito, sem perder de vista a complexidade histórica do texto original. “Homero retrata em versos, representações do universo: os monstros são os medos, as ninfas, os desejos, as estrelas são a luz, o mel, talvez um beijo. A literatura não pode ser para o jovem dificuldade. Tem de ser desafio, vontade! Caminho para uma vida mais pura, pois não há viagem mais bela do que navegar na leitura!” A presença de leitores, acadêmicos e nomes das artes garantiu um debate caloroso sobre clássicos e a função pública da literatura.



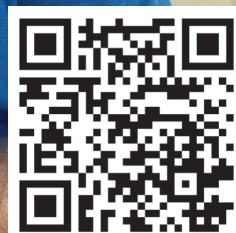
O autor, Gilberto Schwarzmansmann, ladeado pelos acadêmicos Carlos Nejar e Arnaldo Niskier.



A ilustradora Zoravia Bettiol, sentada, e o autor com os acadêmicos Arnaldo Niskier, Merval Pereira, Carlos Nejar e Domício Proença.

Em todos os momentos da sua vida,
**o comércio de bens,
serviços e turismo está lá.**

#emtodososmomentos



A vida é feita de emoção. De sonhos e conquistas.
De planejamento e realização. E em todos os momentos, pode olhar:
O comércio de bens, serviços e turismo está sempre ao seu lado.
Trabalhamos para que esses setores sejam fortes e gerem emprego e renda.
Mas, principalmente, que eles façam a sua vida muito especial.

**CNC. Em todos os
momentos da sua vida.**

CNC · Federações · Sindicatos · Sesc · Senac
Sistema Comércio

O menino da sua avó

Por Vera Lúcia de Oliveira*



Tinha muitos janeiros nas costas, mas continuava a ser o menino da sua avó. Já tivera uma vida inteira diante de si, mas não esquecia o grande momento que um ser humano só pode ter uma vez na vida: o despertar do primeiro amor. Assim é a história do narrador de *Línguas* (2021), de Domenico Starnone (SP: Todavia, 2024), romance encantador pelo tom nostálgico, melancólico, que tem como tema o relacionamento familiar, especialmente o do neto com a avó materna. E o grande amor de infância.

A exemplo de outros títulos minimalistas e metonímicos – de grande sucesso entre o público leitor do mundo inteiro, como *Laços*, *Segredos*, *Assombrações* (no qual fala da experiência do avô que se vê na obrigação de cuidar por poucos dias de um netinho terrível de quatro anos) – *Línguas* tem múltipla significação. O narrador-personagem explora desde o dialeto napolitano de sua gente até o estudo de Glotologia que faz na universidade. A língua associada à classe social e ao nível intelectual; a língua como elemento que une e separa as pessoas. Mas havia uma língua especial: a da avó, a língua do amor incondicional pelo neto: “Amor, sim. Duvido que no longo arco da minha vida alguém tenha me dado tanto, um amor que durou mesmo quando se começou a suspeitar que o professor Beganosti se enganara a meu respeito.” (p. 15).

O narrador, que fora menino fantasioso, nos conta sua história, que ganha interesse quando está com oito ou nove anos e tem o seu primeiro deslumbramento ao ver na sacada do apartamento em frente uma linda menina fazendo piruetas – perigosamente

– no parapeito, como uma bailarina etérea, um anjo de tranças negras:

“Como era linda sua figurinha contra as vidraças reluzentes de sol, de braços erguidos, audaciosa nos saltos, tão exposta à morte. Inclinei-me para que ela me visse bem, pronto a também me atirar no vazio, caso ela caísse.” (p. 8).

Tudo nela era perfeição, até a bela e educada língua que falava com a mãe, tão diferente do rude dialeto que se praticava em sua casa pobre e inculta. Era a sua “senhora”, por quem se bateria como um cavaleiro medieval com o amigo Lello e sacrificaria a própria vida, se preciso. Esse menino vai viver dedicado à imagem da menina, sua Eurídice – a amada de Orfeu –, a quem um dia foi desafortunadamente resgatar do mundo dos mortos. Starnone faz um comovente paralelo entre esse mito e a história de seu protagonista, sujeito sensível, marcado a ferro pelo destino. Assim, o fantasma da morte é um tema importante no romance, desde as primeiras brincadeiras arriscadas e macabras do menino depressivo até a dura realidade de suas perdas.

O amor e a onipresença da avó na vida do neto nos remetem ao maravilhoso *O Primeiro Homem*, autobiografia em que Albert Camus narra a infância na Argélia, na casa, também pobre, comandada pela avó, também analfabeta, que marcou profundamente sua infância. São histórias emocionantes do amor de quem dá o que não tem. Disse Lacan que “amar se aprende sendo amado”. É o que vemos nos dois

livros. E em especial em *Línguas*, em que, inconscientemente, o menino transfere o amor, e mesmo a idolatria da avó, para a menina bailarina do espaço. O que a avó fez não tem comparação, pois, sem nada pedir em troca (aliás, criticada pelo menino impiedoso que muitas vezes dela se envergonhava), dotou-o da capacidade infinita de amar. E de ser muito imaginativo para ludibriar a dura realidade que o cercava.

Nesse despertar precoce para o amor, o menino tem a avó como “cúmplice” de seu apaixonamento, e, como pessoa experiente, vai ajudá-lo, ouvi-lo. Escuta que é o diferencial na sua infância. Essa avó feia, maltratada pelo tempo, pela pobreza e pela humilhação de ter de viver como “serva” na casa do genro (que a desrespeita horivelmente), reduzida à condição de peça da casa, tudo suporta por amor ao neto, objeto absoluto de sua dedicação e razão de viver. Diz ele:

“A única com quem eu me mostrava nervoso ou angustiado e que, malgrado minha ingratidão, continuou me apoiando todos os dias enquanto viveu, com seu puro e simples estar nos espaços designados – a cozinha, a pia, o fogão, a mesa, a janela –, sem nunca exprimir a mínima dúvida sobre meu futuro clamoroso, foi naturalmente minha avó. Minha entrada na universidade multiplicou sua sujeição em relação a mim e, ao mesmo tempo, toda manifestação possível de idolatria.” (p. 69).

A mesma avó que o menino descobre linda quando jovem, também amou e foi feliz. É essa carga simbólica do amor familiar que lhe é transmitida, modelo para o futuro avô, uma vez que o pai é quase figura ausente, sendo “substituído” por uma velha fotografia do belo avô materno – com quem o menino se parecia (motivo talvez da adoração da avó), idealizado por sua coragem, representada por um bastão que porta garbosamente, e que, em análise psicanalítica, tem muita significação.

Assim, os avós dão força moral e exercem papel duplamente importante na estrutura emocional do neto que, diferentemente de Orfeu, ao olhar para trás, resgatou seus mortos tornando-os vivos na memória e não, espectros. E o menino, agora avô, vive o luto eterno, nunca elaborado, fiel ao amor das duas mulheres que marcaram a sua vida.

*Vera Lucia de Oliveira é membro da Academia de Letras de Brasília.

A rainha e o maestro

Por Gabriel Chalita*

Era uma vez um maestro. Era uma vez um maestro e suas mãos. Era uma vez um maestro, suas mãos e seus sentimentos.

As mãos do maestro foram mãos crianças, como todas as mãos. Como todas as mãos vocacionadas à construção. Construíram, as mãos do maestro, antes de ser maestro, concertos que consertaram mundos.

Era uma vez um pianista. Era uma vez um pianista e suas mãos. Era uma vez um pianista, suas mãos e seus sentimentos. As mãos do pianista foram dizendo ao piano, “foi para você que eu nasci”. O piano, entendedor de mãos e de sentimentos, foi sendo música, foi sendo mundo.

O pianista conquistou o mundo. E, então, surgiu a dor. A dor não impediu a música. A dor doeu os dedos e a alma do pianista.

Da dor, o sonho. Do sonho, a decisão. Era preciso continuar dizendo ao piano, “foi para você que eu nasci”.

O piano levava os sons para a alma do pianista. E, então, os médicos. E as cirurgias. E a valentia disfarçando o choro. E o choro, sem disfarces, na emoção dos concertos que concertavam mundos.

O pianista olhou para o piano, para as mãos, para os sentimentos e decidiu reger.

A vida.

A música.

A vida dos outros.

Nasceu o maestro.

O maestro, com suas mãos e sentimentos, começou a dizer aos instrumentos que ele estava ali. E aos músicos que a música era a linguagem mais bonita para que a palavra encontrasse o alto. A música é a delicadeza de Deus na sinfonia do mundo.

O maestro, mesmo com as mãos feridas, consertava as rasgaduras que os abandonos provocam nas pessoas.

O maestro conheceu a rainha.

A rainha conheceu o maestro.

Era um dia de luz. E o maestro recebeu um prêmio pela sua vida. E foi, então, que o maestro se referiu à rainha, a rainha Sofia, a rainha da terra onde Cervantes fez Quixote sonhar um mundo de amor, um mundo de amar.

A rainha Sofia olhava os olhos do maestro e autorizava as lágrimas a dizerem o bonito da emoção. Os dois, rainha e maestro, na maturidade de suas vidas sabem o significado do olhar.

O prêmio poderia ser dado a ele por ter sido, como pianista, um dos maiores intérpretes de Bach da história. Ou poderia ser dado por ser o maestro cioso do seu ofício de reger, com competência ímpar, os instrumentos e os sonhos.

Os sonhos? Sim, o prêmio foi dado pelos sonhos. Pelo nobre sonho da generosidade. Por transformar a dor em convite aos que, como ele, queriam também dizer à música, “foi para você que eu nasci”.

A sagrada música que abre céus na Espanha ou no Brasil ou em qualquer canto. No coração do maestro, ninguém deveria ser impedido de cantar.

O maestro é João Carlos Martins. O “era uma vez” era só uma forma de dizer uma história que diz aos corações que acordem.

João Carlos “é”!

É o menino que disse ao piano, é o homem que diz a si mesmo, é o instrumento que diz ao silêncio, “foi para você que eu nasci”.

Que diz ao silêncio ou à música? Só há música no silêncio. É nas pausas que nos afinamos para enfrentarmos as partituras que preenchem o mundo com as nossas vidas. É no silêncio que nos sentimos musicando a vida.

Um maestro, suas mãos e sentimentos e um dizer generoso, “foi para você, para abrir as portas que te autorizam a compartilhar o seu talento, que eu nasci”. E os olhos dos que ontem tinham “não” olham com o olhar da rainha as mãos do maestro abrindo caminhos.

Era uma vez um dia de luz. Um maestro. Uma rainha. E uma esperança.

E um som que veio do alto sussurra, “foi para isso que você nasceu”.

*Gabriel Chalita é membro da Academia Paulista de Letras.

Toda teoria tem um Lado PRático. ESTÁGIO

o lado prático de toda teoria.

Estudante, o CIEE oferece diversas oportunidades para você aprimorar os seus conhecimentos e colocá-los em prática.

Conheça alguns serviços ofertados:

- ▣ PROGRAMAS DE ESTÁGIO
- ▣ PROGRAMAS DE APRENDIZAGEM
- ▣ WORKSHOPS E PALESTRAS
- ▣ CURSOS GRATUITOS (em nosso site)

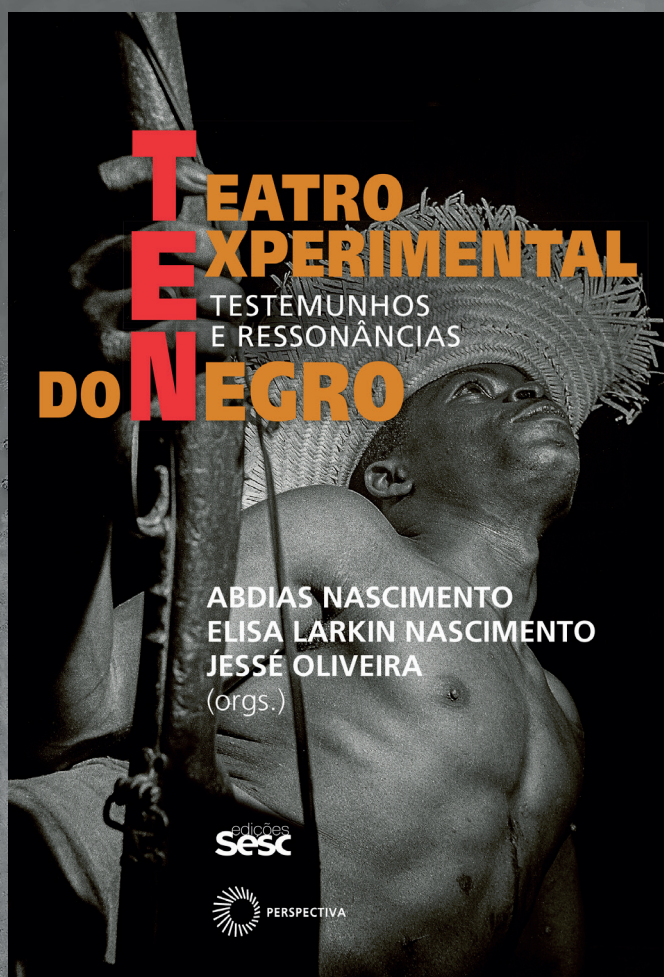
FAÇA AGORA O SEU CADASTRO !

INFORMAÇÕES:
Disque Estudante
(21) 3535-4545



Cadastre-se através do site www.ciee.org.br





80 anos do Teatro Experimental do Negro (TEN)

Criado por Abdias Nascimento, o grupo teatral TEN foi um projeto revolucionário que fez do palco um espaço de resistência, contestando o mito da democracia racial no Brasil e ampliando os caminhos para a luta antirracista e a representatividade negra nas artes cênicas do país.

edições
Sesc

  /edicoessescsp

sescsp.org.br/edicoes

